

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Brígida Mattos Ornelas

A ARTE DE ILUSTRAR
concepções e processos de criação de
Marilda Castanha e Anna Cunha
para livros ilustrados

Belo Horizonte
Julho 2023

Brígida Mattos Ornelas

A ARTE DE ILUSTRAR

concepções e processos de criação de
Marilda Castanha e Anna Cunha
para livros ilustrados

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro
Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
como requisito parcial para a obtenção do título de
Mestra em Estudos de Linguagens.

Orientadora:

Profa. Dra. Ana Elisa Ferreira Ribeiro

Belo Horizonte

Julho 2023

O74a Ornelas, Brígida Mattos.
A arte de ilustrar : concepções e processos de criação de Marilda Castanha e Anna Cunha para livros ilustrados / Brígida Mattos Ornelas. – 2023.
107 f. : il.

Orientadora: Ana Elisa Ferreira Ribeiro

Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Belo Horizonte, 2023.
Bibliografia.

1. Ilustração. 2. Livro ilustrado. 3. Criação (Literária, artística, etc.). 4. Castanha, Marilda, 1964-. 5. Cunha, Anna, 1985-. I. Ribeiro, Ana Elisa Ferreira.II. Título.

CDD: 741.64

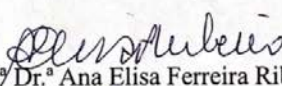


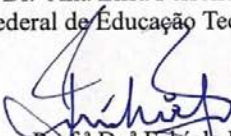
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

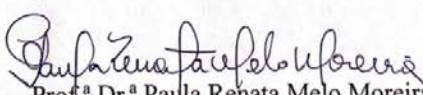
BRÍGIDA MATTOS ORNELAS

**A ARTE DE ILUSTRAR: CONCEPÇÕES E PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE MARILDA
CASTANHA E ANNA CUNHA PARA LIVROS ILUSTRADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 12 de julho de 2023, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:


Prof.ª Dr.ª Ana Elisa Ferreira Ribeiro (Orientadora)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais


Prof.ª Dr.ª Fabíola Ribeiro Farias
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais


Prof.ª Dr.ª Paula Renata Melo Moreira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas
que veem beleza no processo
e, principalmente, as que se expressam
por meio da arte de ilustrar.

AGRADECIMENTOS

Ainda que muitas vezes solitária, a caminhada acadêmica não seria possível sem as várias pessoas que a perpassam. Por isso, gostaria de agradecer àqueles que possibilitaram essa conquista e me acompanharam durante todo esse percurso.

Primeiramente, agradeço a minha família. À minha mãe, Elenir, pelo afeto, amor e acolhimento, e por seu exemplo de generosidade. Ao meu pai, Geraldo, pelo incentivo desde criança à leitura, esporte e contato com a natureza, e por seu exemplo de força e determinação. Obrigada por apoiarem as minhas escolhas e terem feito o possível para me proporcionarem uma boa educação.

Aos meus irmãos, Ornela e Gabriel, por serem minha rede de apoio, amor, amizade e incentivo cotidiano. Que sorte a minha ter vocês em minha vida.

Agradeço à minha orientadora, Ana Elisa Ribeiro, por acolher esta pesquisa, por me guiar ao longo deste percurso, pela troca e amizade. Obrigada por confiar em meu trabalho e me envolver em outros projetos. Você é uma mulher inspiradora e admirável.

Agradeço à Fabíola Farias e à Renata Moreira por aceitarem o convite para esta banca e pelas ricas contribuições apresentadas na qualificação que me auxiliaram tanto no desenvolvimento da dissertação.

Agradeço à Marilda Castanha e à Anna Cunha, por aceitarem serem entrevistadas, por me receberem tão bem em seus lares e compartilharem seus processos criativos, contribuindo tanto para esta pesquisa. Fiquei ainda mais encantada com a arte de ilustrar. As entrevistas confirmaram e aumentaram minha admiração pelos seus trabalhos.

Agradeço aos meus amigos que são minha família e sabem quem são, por me incentivarem e torcerem por mim. Sobretudo Lírica e Danilo, por todo apoio e escuta. Obrigada por compreenderem as minhas ausências nesse período.

Ao CEFET-MG, instituição da qual faço parte, pelo fomento à qualificação profissional. Aos meus colegas de trabalho, em especial a Andrea, por todo apoio e incentivo.

Agradeço às professoras e professores do Posling, pelas disciplinas ofertadas e por todos os aprendizados. Aos colegas que conheci durante as aulas, agradeço por toda troca, mesmo com a pouca convivência presencial.

Tenho imensa gratidão por concluir este percurso e por todo aprendizado conquistado com esta pesquisa. Obrigada!

RESUMO

A ilustração como expressão, exercendo seu propósito de comunicar visualmente, segue um modo específico de processo e criação. E pelo fato de esse modo constituir-se a partir de uma interpretação, revela marcas de subjetividade daquilo que é percebido e sentido por quem ilustra. Considerando que essa interpretação parte de um texto verbal, sua apropriação pelo ilustrador ocorre impregnada de experiências, memórias e conhecimentos, em que o sujeito transforma, acrescenta e traduz uma linguagem em outra. Neste trabalho, investigamos como se dá a concepção de ilustrações para livros ilustrados, a partir do texto de outro autor, tendo como objeto de pesquisa o trabalho ilustrativo de Marilda Castanha e Anna Cunha, e suas respectivas obras, *Bárbara e Agora Pode Chover*. A pesquisa desenvolvida com base em uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório, envolve um levantamento bibliográfico, sobretudo a respeito da ilustração e do livro ilustrado; e uma entrevista semiestruturada com as ilustradoras, a respeito de suas concepções e processos de criação. Por fim, em profundidade das análises, apresentamos o percurso criativo realizado nas obras e quais foram os desafios na interpretação e tradução para a concepção das ilustrações a partir do texto de outro escritor.

Palavras-chave: Ilustração; Livro Ilustrado; Processo Criativo.

ABSTRACT

Illustration as an expression, exercising its purpose of communicating visually, follows a specific way of process and creation. And because this mode is constituted from an interpretation, it reveals marks of subjectivity of what is perceived and felt by those who illustrate. Considering that this interpretation starts from a verbal text, its appropriation by the illustrator is impregnated with experiences, memories and knowledge, in which the subject transforms, adds and translates one language into another. In this work, we investigate how illustrations for illustrated books are conceived, based on another author's text, having as research object the illustrative work of Marilda Castanha and Anna Cunha, and their respective works, *Bárbara* and *Agora Pode Chover*. A research developed based on a qualitative approach, with an exploratory character, involving a bibliographical research, mainly regarding illustration and illustrated books; and a semi-structured interview with the illustrators, regarding their conceptions and creation processes. Finally, in-depth analyses, we present the creative journey carried out in the works and what were the challenges in the interpretation and translation for the conception of the illustrations from the text of another writer.

Key-words: Illustration; Illustrated Book; Creative process.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

AEILIJ	Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil
CECOTEG	Centro de Comunicação, Design e Tecnologia Gráfica
CEFET-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
EINA	Universitat Autònoma de Barcelona
FLI BH	Festa Literária de Belo Horizonte
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
IBBY2	Internacional Board on Books for Young People
PUC-Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Animais pintados na Gruta de Lascaux, um dos sítios de arte rupestre mais famosos do mundo	20
Figura 2	- Vaso gregos	20
Figura 3	- Manuscritos ilustrados	21
Figura 4	- Prensa de Gutenberg	23
Figura 5	- Estudo de Andreas Vesalius, ilustração dos músculos de um corpo humano	24
Figura 6	- Ilustração de Sir John Tenniel, <i>Alice no país das Maravilhas</i>	25
Figura 7	- Exemplo de livro com ilustração, obra <i>Orgulho e Preconceito</i>	27
Figura 8	- Obra <i>Flicts</i>	29
Figura 9	- Exemplo de pintura em aquarela da artista visual Brunna Mancuso	34
Figura 10	- Exemplo de ilustração em nanquim com sobreposição de estêncil da ilustradora Bruna Lubambo	35
Figura 11	- Exemplo de técnica mista, colagem manual e lápis de cor da ilustradora da Bruna Lubambo	35
Figura 12	- Exemplo de técnica de xilogravura	36
Figura 13	- Logotipo do Prêmio Jabuti	40
Figura 14	- Logotipo da FNLIJ	41
Figura 15	- Logotipo AEILIJ	42
Figura 16	- Capa da obra <i>Pindorama</i> de Marilda Castanha	43
Figura 17	- Capa da obra <i>Origem</i> , de Anna Cunha	44
Figura 18	- Capa da obra <i>Sagatrissuinorana</i>	45
Figura 19	- Mapa do livro criado por Marilda Castanha	49
Figura 20	- Fluxograma do processo de concepção das ilustrações	52
Figura 21	- Obras selecionadas	58
Figura 22	- A ilustradora Marilda Castanha	62

Figura 23	- Ilustrações de Marilda Castanha	64
Figura 24	- Mesa de Luz	65
Figura 25	- Capa da obra <i>Bárbara</i>	71
Figura 26	- Trilogia ilustrada	72
Figura 27	- Envelope com as ilustrações da obra <i>Bárbara</i>	72
Figura 28	- Exemplo de Rascunho de <i>Bárbara</i>	73
Figura 29	- Páginas 10 e 11 da obra <i>Bárbara</i>	74
Figura 30	- Comparação do rascunho e arte final	76
Figura 31	- Composição da ilustração com ninho de pássaro	77
Figura 32	- Exemplos de composição visual da Obra <i>Bárbara</i>	78
Figura 33	- Exemplo da relação de imagens em páginas distintas	80
Figura 34	- Exemplo de uma ilustração original enviada para a Editora, a ilustração vai protegida por papel de seda	81
Figura 35	- Desenlace na obra <i>Bárbara</i>	82
Figura 36	- A ilustradora Anna Cunha	84
Figura 37	- Ilustrações de Anna Cunha	86
Figura 38	- Mesa digitalizadora	88
Figura 39	- Capa da obra <i>Agora pode chover</i>	91
Figura 40	- Insetário na obra <i>Agora pode chover</i>	94
Figura 41	- Entardecer em <i>Agora pode chover</i>	95
Figura 42	- Páginas 28 e 29 de <i>Agora pode chover</i>	96
Figura 43	- Páginas 30 e 31 de <i>Agora pode chover</i>	96
Quadro 1	- Listagem das obras publicadas	66
Quadro 2	- Premiações recebidas	69
Quadro 3	- Listagem das obras publicadas	89
Quadro 4	- Premiações recebidas	90

SUMÁRIO

Daquilo que me ilustra	14
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1 A ILUSTRAÇÃO E O LIVRO ILUSTRADO	19
1.1 A ilustração e sua presença nos livros	19
1.2 O livro ilustrado: breve histórico	27
1.3 O mercado editorial contemporâneo	30
2 A ARTE DE ILUSTRAR	33
2.1 Ilustradoras são artistas	33
2.2 Técnicas ilustrativas	34
2.3 Questão de autoria	38
2.4 A valorização de quem ilustra livros e as premiações	41
2.4.1 Prêmio Jabuti	41
2.4.2 FNLIJ	42
2.4.3 AEILIJ	43
2.4.4 Reconhecimento profissional	44
3 PROCESSOS CRIATIVOS EM PALAVRA E IMAGEM E PERCURSO METODOLÓGICO	47
3.1 Processo criativo	47
3.2 O processo de interpretação e criação de ilustrações para um livro ilustrado	48
3.3 Entre a palavra e a imagem	53
3.4 O caminho metodológico percorrido	55
3.5 Das ilustradoras e obras selecionadas	58
3.6 O planejamento das entrevistas	59
4 DAS PRÁTICAS E DAS ILUSTRADORAS	63
4.1 Marilda Castanha	63
4.1.2 Bárbara, de Murilo Rubião e Marilda Castanha	71
4.1.3 Concepções e processos de criação na obra Bárbara	73
4.2 Anna Cunha	85
4.2.1 Agora pode chover, de Celso Sito e Anna Cunha	92
4.2.2 Concepções e processos de criação na obra Agora pode Chover	93
4.3 Os desafios de ilustrar um texto de outrem	98

CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICE	106

A ARTE DE ILUSTRAR



Brígida Mattos

Daquilo que me ilustra

Desde a minha infância, sempre me interessei por arte e todas as suas formas de expressão. Adorava me expressar através dos desenhos, da dança e da música, inventar brincadeiras e criar histórias. Passava horas folheando livros, revistas e me encantava com as imagens e/ou ilustrações presentes em cada página que avistava. Sempre carreguei comigo um olhar curioso e imaginativo. Essas características, desde muito jovem, me levaram a estudar design, com especial interesse pelo design gráfico, área que engloba a produção de peças gráficas como *banners*, panfletos, *outdoors*, embalagens, criação de marcas e a diagramação de jornais, livros e revistas.

Após concluir o Ensino Médio, busquei minha profissionalização ao cursar o nível técnico em Comunicação e Design Gráfico no SENAI — CECOTEG, o que me permitiu ingressar no mercado de trabalho antes mesmo de iniciar minha graduação em Design pela Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG. Durante esse percurso, rascunhos e desenhos se tornaram ferramentas essenciais, tanto para dar visibilidade às ideias e projetos, quanto para a expressão pessoal de emoções e pensamentos, já que o desenho também se faz presente nos momentos de lazer.

Em 2015, depois de algumas experiências em escritório de design e agências, comecei a trabalhar no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais — CEFET-MG, instituição de renome na área educacional, onde atuo como técnica-administrativa na área de Design e Comunicação Visual, desenvolvendo peças gráficas e a diagramação de jornais, livros e revistas. Em busca de qualificação profissional, em 2018, me especializei em Processos Criativos em Palavra e Imagem na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC-Minas, período em que crescia o desejo nos estudos sobre ilustrações e suas aplicações como recurso expressivo.

Devido a esse interesse crescente, vi na linha IV: Edição, Linguagem e Tecnologia do Programa de Pós-Graduação de Estudos de Linguagens — POSLING, a oportunidade de expandir meus conhecimentos teóricos nessa área e de me aprofundar nos processos criativos envolvidos na criação e concepção de ilustrações, desta vez, com foco nos livros ilustrados. A partir de agora, damos início, então, a essa dissertação com algumas considerações iniciais sobre a temática. Boa leitura!

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

E de que serve um livro, pensou Alice, sem figuras (...)?
(CARROLL, 2013, p. 9)

O uso de representações gráficas como forma de expressão e transmissão do conhecimento pode ser observado desde as pinturas rupestres. Ao longo dos tempos, a representação daquilo que era visto e sentido transformou o desenho em uma forma de comunicação visual tão inerente à transformação do ser humano quanto a própria linguagem oral e escrita.

A ilustração como expressão, exercendo seu propósito de comunicar visualmente, segue um modo específico de processo e criação. E pelo fato de esse modo constituir-se a partir de uma interpretação, revelam-se, assim, marcas de subjetividade daquilo que é percebido e sentido por quem ilustra. Considerando que essa interpretação parte de um texto verbal, sua apropriação pelo ilustrador ocorre impregnada de experiências, memórias e conhecimento, em que o sujeito transforma, acrescenta e traduz uma linguagem em outra.

Representar uma história por traços e oferecer ao leitor a possibilidade de visualizar e mergulhar no que está sendo contado é algo que me fascina. O livro ilustrado, que se apresenta como um produto editorial de narrativa híbrida, em que palavras e imagens se inter-relacionam, permite esse mergulho, e é daí que nasce a ideia de explorar esse objeto. A minha formação e meu interesse por ilustração me levaram na busca pela compreensão de como se dá o processo de criação e concepção de ilustrações para livros ilustrados a partir de um texto de outrem.

Por se apresentar de forma híbrida, os livros ilustrados oferecem um campo muito amplo de pesquisa. Principalmente em relação às imagens ilustrativas:

Num livro ilustrado é preciso muita atenção às imagens e à maneira como elas se entrelaçam. Não só com as palavras, mas com as outras ilustrações as quais ela se relaciona, pois, a unidade narrativa se dá com a contribuição de múltiplos elementos. Nele, a palavra altera o sentido das imagens, vice e versa, e a unidade do todo é maior do que a soma dessas partes. (MORAES, 2019, p. 21)

Ao considerarmos a importância das imagens ilustrativas em livros, surgem questões sobre o processo de interpretação e concepção dessas ilustrações, especialmente a partir de

um texto escrito por outra pessoa. Afinal, a concepção e criação das ilustrações dependem da interpretação do ilustrador, que pode ser vista como uma:

(...) operação de mediação, em que uma forma de expressão é transformada em outra, com o propósito de tornar mais explícitas e inteligíveis as coisas enunciadas (não necessariamente reais), pela linguagem. Assim, o intérprete assume-se como um intermediário, na missão de revelar a alguém (no sentido de exprimir e de dar a conhecer) o discurso de uma outra pessoa. (ORTIGUES *apud* QUENTAL, 1987, p. 116)

Assim, a ilustração como recurso expressivo e concebida a partir de uma interpretação daquilo que é compreendido e sentido no texto está impregnada de singularidades, de conexões que o sujeito é capaz de estabelecer entre a palavra e o desenho.

Consultando bases de dados e bibliotecas virtuais, vemos que a temática tem fomentado pesquisas, debates e reflexões. Verificam-se algumas produções sobre ilustração, livro ilustrado e a relação entre texto visual e verbal.

Destacamos algumas, como a dissertação de mestrado *Muito Além do Ornamento: Um estudo sobre a visualidade nos livros infantis a partir da Obra de Roger Mello*, de Flávio José Vargas Pinheiro, (PINHEIRO, 2017). A pesquisa analisa o uso da ilustração e da imagem em livros ilustrados para o público infantil, com foco na obra de Roger Mello, um renomado ilustrador brasileiro. O pesquisador se baseia em conceitos da Semiótica/Semiologia de Peirce e Saussure, em quatro campos de estudo: imagem, palavra, livros e crianças, por meio de levantamento documental e análise minuciosa do *corpus* selecionado.

Outra dissertação, intitulada *Livros Ilustrados: Textos e Imagens*, de Silvana Gili (GILI, 2014), investiga o papel das ilustrações nos livros contemporâneos para crianças e jovens. A análise se concentra nas relações entre texto escrito e texto visual em obras publicadas no Brasil, principalmente a partir dos anos 2000. São consideradas três perspectivas: a ilustração que amplia o texto e se adapta a diferentes contextos culturais; que o transforma quando organizado nas páginas do livro; e como elemento polissêmico que gera imagens críticas sem retratar a realidade de forma única e fechada.

Já a tese *Palavras e Imagens que tecem histórias: ilustradores/escritores e a criação literária para a infância*, de Eliette Aleixo (ALEIXO, 2014). Investiga a condição de autores responsáveis pelo duplo papel de criação dos textos verbal e visual na produção de livros para crianças, visando compreender a categoria autoral de quem escreve e ilustra suas obras. A reflexão sobre o tema foi embasada em estudos sobre literatura infantil e teorias da ilustração

de livros infantis, através da análise qualitativa de casos representativos da produção editorial brasileira. Para atingir esse objetivo, houve a seleção de ilustradores/escritores contemporâneos e foram verificados aspectos relacionados aos processos criativos, por meio de entrevistas e análise das obras.

Em produções mais recentes, está a dissertação *O Livro Ilustrado na Literatura Infantil Contemporânea: A relação entre o texto e a imagem em obras brasileiras*, de Beatriz Silva, (SILVA, 2018). Traça-se um panorama histórico do surgimento e do desenvolvimento da literatura infantil no Ocidente com foco nos centros que mais influenciaram o Brasil, como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. A pesquisadora visa compreender de que maneira as linguagens — textual e imagética — se inter-relacionam no livro ilustrado a partir de duas obras brasileiras: *Inês*, dos autores Roger Mello e Mariana Massarani, e *Lá e Aqui*, de Odilon Moraes e Carolina Moreyra.

Esses estudos tomados como referência na construção dessa pesquisa mostraram uma oportunidade de aprofundarmos aspectos relativos ao processo criativo e ao papel de ilustrar que, por muito tempo, ocupou um lugar secundário em obras literárias. Com isso, esta pesquisa dá continuidade a uma série investigativa sobre ilustração e livros ilustrados, mas visa ampliar a área de estudo, contribuindo, principalmente, para o entendimento do processo de concepção e criação de ilustrações realizados por ilustradoras a partir de um texto de outro autor.

A escolha por mulheres que ilustram nasceu do desejo de valorizarmos e destacarmos o trabalho de autoria feminina. Muitas pesquisas têm se aprofundado sobre o universo infantil e/ou juvenil, discutindo a relação entre palavra e imagem e até destacando ilustradores/escritores, mas não trabalham com foco no processo criativo realizado por quem ilustra, principalmente de autoria feminina, por isso, consideramos a pesquisa relevante.

As questões que motivaram esta pesquisa são: a) Como se dá o processo de interpretação e criação de ilustrações para um livro ilustrado? e b) Quais são os desafios de ilustrar uma obra que parte do texto de outrem?

Essas perguntas originaram os objetivos que procuramos atingir ao longo deste estudo. O objetivo geral desta pesquisa é apresentar e discutir o processo de concepção e criação de ilustrações para livros ilustrados, identificando as singularidades de cada processo ilustrativo e suas técnicas, capazes de dotar o livro de uma expressão única, refletida por quem ilustra. Os específicos se pautam em traçar o percurso da ilustração, no entendimento do contexto

histórico em que emergiu; conceituar o livro ilustrado; destacar a importância de quem ilustra livros; apresentar e descrever sobre processo criativo e os desafios de ilustrar o texto de outrem, tendo como objeto de pesquisa o trabalho das ilustradoras Marilda Castanha e Anna Cunha, e as respectivas obras ilustradas por elas, *Bárbara e Agora pode chover*.

A organização da dissertação encontra-se configurada em quatro partes, além das considerações iniciais e finais. Na primeira parte deste estudo, **A ilustração e o livro ilustrado**, discutimos os aspectos inerentes à ilustração e sua concepção para livros ilustrados, passando por uma breve história do seu surgimento e desdobramento, sua presença nos livros e o mercado editorial. Entramos então na segunda parte, **A arte de ilustrar**, abordando sobre o ofício de quem ilustra, técnicas ilustrativas, a questão de autoria, a valorização da profissão e as premiações.

Na terceira parte, **Processo Criativos em Palavra e Imagem e Percurso Metodológico**, apresentamos sobre processos criativos, a relação entre palavra e imagem e o percurso metodológico, nos levando ao entendimento do caminho percorrido pelas ilustradoras. Na quarta parte, **Das práticas e das ilustradoras**, descrevemos a trajetória das ilustradoras; o processo de criação e concepção das ilustrações para as obras selecionadas e quais são os desafios no processo de interpretação e tradução do texto. A análise, ancorada no depoimento das ilustradoras, coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, dá ênfase nos elementos conceituais, criativos e técnicos.

1 A ILUSTRAÇÃO E O LIVRO ILUSTRADO

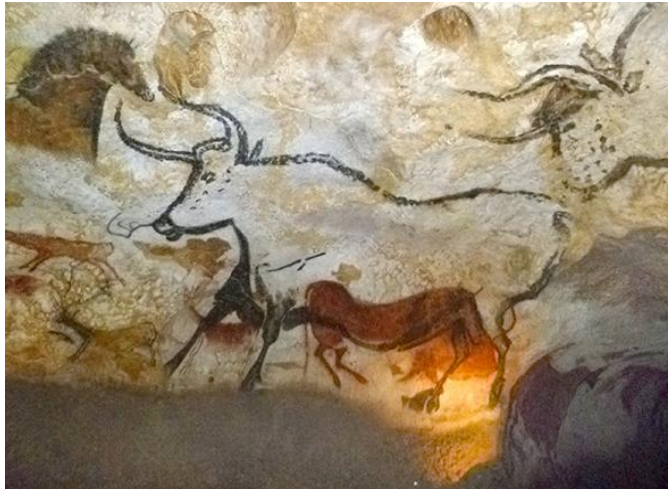
A proposta desta primeira parte é apresentarmos o surgimento da ilustração e de que forma a reprodução de textos e imagens resultou no que hoje chamamos de livro ilustrado. Trata-se de objeto no qual a linguagem visual desempenha um papel fundamental na construção da narrativa e onde o texto e a imagem se inter-relacionam para contar uma história. Para tanto, utilizamos uma estrutura cronológica que começa nas primeiras representações visuais; passa brevemente pelos manuscritos; à reprodução de palavras e imagens em suas mais variadas técnicas; o surgimento do livro ilustrado, e, por fim, o mercado editorial atual.

1.1 A ilustração e sua presença nos livros

A ilustração, de maneira geral, caracteriza-se como uma prática que acompanha a história da comunicação e expressão humana. Ao pensarmos nas imagens da pré-história, como as pinturas rupestres — representações artísticas visuais realizadas em paredes, tetos e outras superfícies de cavernas e abrigos rochosos — podemos começar a tecer o seu potencial narrativo. A linguagem era representada por símbolos imagéticos, revelando formas simplificadas e estilizadas de comunicação visual, podendo ser vistas como uma expressão narrativa e como os primeiros testemunhos de ilustração.

No início, havia a imagem. Para onde quer que nos viremos, existe a imagem. Por todo o lado através do mundo, o homem deixou vestígios das suas faculdades imaginativas sob a forma de desenhos feitos na rocha e que vão desde os tempos mais remotos do paleolítico até a época moderna. (JOLY, 2007, p. 18)

Figura 1: Animais pintados na Gruta de Lascaux, um dos sítios de arte rupestre mais famosos do mundo



(Fonte: Researchgate, 2023, online¹)

Outras expressões visuais também podem ser vistas em diferentes superfícies e suportes. Na Grécia clássica, observamos as pinturas em vasos, feitas em baixo-relevo e com padrões abstratos, estilo conhecido como *Geométrico*. Houve também o estilo *Orientalizante*, com representações curvilíneas com espirais e entrelaçados. No período Arcaico (final do século VII até c. de 480 a.C.), a ilustração passa a ser mais figurativa, com cenas da mitologia, de lendas e da vida cotidiana (QUENTAL, 2009).

Figura 2: Vasos gregos



(Fonte: Apaixonados Por História, 2023, online²)

¹ Disponível em <https://abrir.link/HxERR> . Acesso em 07 jun. 2023.

² Disponível em <https://abrir.link/OEX30>. Acesso em 07 jun. 2023.

Acerca da palavra ilustração, o primeiro registro conhecido surge apenas no século XVII, em 1619, e tinha como entendimento a “ação de esclarecer” (QUENTAL, 2009). Não à toa, o sentido comum a descreve como uma representação visual cuja função é explicar, complementar e enriquecer um texto. A palavra ilustração significava também o processo técnico empregado na concepção, como a xilogravura, a mais antiga técnica de gravura, que é “Obtida a partir do desenho realizado em uma prancha de madeira, ferida em sulcos que projetam a imagem em relevo, depois embebida em tinta e reproduzida em papel” (RAMOS, 2011, p.18).

Independentemente da técnica e/ou da “ação de esclarecer”, podemos pensar na imagem para além de um simples adorno ou elemento decorativo. “A noção de ilustração afasta-se da ideia de técnica, de estilo e de enfeite e aproxima-se da noção de uma prática que comunica visualmente um conteúdo que a acompanha, seja ela de forma complementar ou suplementar” (CAVALCANTE, 2010, p. 38).

Dentro dessa prática, ao longo da história, vemos que a ilustração relaciona-se a uma necessidade de fundamentar o saber. Por isso era considerada uma importante aliada da alfabetização, servindo de estímulo para os não alfabetizados. Sua presença nos antigos manuscritos, como no *Livro dos Mortos* — escrito à mão em rolos de papiro — combinada com um conteúdo textual escrito, transmitia a informação e narrava os acontecimentos.

Figura 3: Manuscritos ilustrados





(Fonte: Medieval Imago, 2023, online³)

Assim, palavras e imagens começam a partilhar o mesmo suporte, coexistindo em múltiplos artefatos de comunicação e quase sempre contribuindo para um objetivo comum — a comunicação de uma ideia — fazendo-o com a especificidade e importância própria de cada linguagem. “Esses dois tipos de textos, em sua maioria, estabelecem uma relação tão estreita, que faz dela uma experiência única, marcada pela interdependência, na qual a ilustração ocupa papel de igual importância para a produção de sentido da narrativa.” (ALEIXO, 2014, p. 37).

A linguagem visual carrega, então, um caráter instrutivo e um poder de fascínio, conseguindo captar a atenção, mostrar e dizer, tanto que:

A noção de ilustração ia agora para além da relação texto/imagem, e o termo “ilustração” passou a ser aplicado (...) a uma cena anedótica cujo conteúdo da história parecesse claro e explícito, e não precisava de ser acompanhado por qualquer texto (...). (MELOT *apud* QUENTAL, 2009, p. 100).

Assim, a ilustração nos livros foi se desenvolvendo ao longo da história, passando por diversas transformações. Inicialmente, a utilização das imagens tinha como objetivo principal ornamentar os manuscritos, conferindo-lhes um aspecto mais atraente e sofisticado. Depois, “o pergaminho, mais resistente do que o papiro, e o formato do códex (ou códice, livro manuscrito que substituiu o papiro enrolado, entre os sécs. II e III permitiram uma nova

³ Disponível em: <https://medievalimago.org/2013/05/14/manuscritos-medievais/>. Acesso em 07 jun. 2023.

organização). A página é dividida em colunas, e a ilustração é isolada do texto”. (QUENTAL, 2009, p.30). Os desenhos eram considerados um “respiro”, que tornavam a massa de texto mais atraente. Eles apenas acompanhavam o texto (RAMOS, 2011, p. 52).

Com o surgimento da imprensa, a ilustração ganhou uma nova importância, visto que agora era possível produzir livros em grande escala, tornando-os acessíveis a um público mais amplo. Assim, as modernas formas de reprodução e impressão determinaram uma profunda transformação na produção de livros e consequentemente das ilustrações. A prensa, elaborada por Johannes Gutenberg (1398-1468), apresentou uma nova maneira de compor os textos através dos caracteres móveis de chumbo prensados sobre o papel.

Figura 4: Prensa de Gutenberg



(Fonte: Wikipédia, 2023, online⁴)

⁴ Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Prensa_m%C3%B3vel. Acesso em: 07 jun. 2023.

A variedade tipográfica e a reprodução em série fortaleceram a representação imagética realizada pela técnica da xilogravura, que se revelou uma maneira fácil de reprodução de imagens, que em seguida foi substituída também pela gravura.

A partir de meados do séc. XVI, a xilogravura foi sendo gradualmente substituída pela gravura (em metal), preferida pela possibilidade de maior detalhe e realismo. A imagem destaca-se em relação ao texto e estabelece-lhe o sentido: numa altura em que dominava o conhecimento empírico, havia a necessidade de imagens para traduzir e compreender o mundo real. (QUENTAL, 2009, p. 62)

Com a imagem seguindo o propósito de facilitar e complementar a leitura do texto, a ilustração se fez presente em outros livros, como os de matemática e astronomia. Surgiram também representações de “vistas panorâmicas” de cidades, mostrando, pela primeira vez, o Novo Mundo em ilustrações realizadas a partir de desenhos à vista. Retratos com pigmentos de cores e traços de lápis, feitos no decorrer das viagens dos primeiros exploradores (MELOT *apud* QUENTAL, 2009. p. 98). Nesse período, podemos pensar na ilustração utilizada não apenas para facilitar a leitura, mas para registro daquilo que era visto, para representar a realidade. Com isso, houve também a representação de elementos vivos, “incluídos primeiro em textos de botânica, e mais tarde também nos de medicina” (QUENTAL, 2009, p. 31).

Figura 5: Estudo de Andreas Vesalius, ilustração dos músculos de um corpo humano



(Fonte: Wikipédia, 2023, online⁵)

⁵ Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Anatomia#/media/Ficheiro:Vesalius_Fabrica_p178.jpg. Acesso em 07 jun. 2023.

Com o passar dos séculos, a ilustração evoluiu para uma forma de arte, sendo utilizada para contar histórias e transmitir ideias de forma mais eficaz. Tanto que no início do século XVII, o ilustrador assumiria o papel de cronista (QUENTAL, 2009). Já no século XIX, a ilustração foi amplamente utilizada em livros infantis, visando estimular a imaginação das crianças e tornar a leitura mais atraente. “E são muitas as obras clássicas que nasceram no período. A mais famosa entre elas é *Alice no país das Maravilhas*, de Lewis Carroll.” (RAMOS, 2011, p. 56). A obra é de 1865, escrita por Carroll e ilustrada pelo artista Sir John Tenniel.

Figura 6: Ilustração de Sir John Tenniel, *Alice no país das Maravilhas*



(Fonte: Medium, 2023, online⁶)

⁶ Disponível em: <https://medium.com/alice-s-adventures-in-wonderland/sir-john-tenniel-s-classic-illustrations-of-alice-in-wonderland-2c3bbdca3a77>. Acesso em 07 jun. 2023.

Ao longo do século XX, a ilustração continuou a se desenvolver e passou a ser utilizada em uma ampla variedade de gêneros literários, desde livros infantis até romances e livros de não-ficção. Com a popularização dos quadrinhos, a ilustração ganhou ainda mais destaque, tornando-se uma parte fundamental nas histórias.

Destacamos que o avanço da tecnologia industrial e a invenção da fotografia fizeram com que houvesse um profundo impacto nas formas de comunicação visual, principalmente no que dizia respeito à documentação de fatos. Houve um período em que a fotografia competiu com a ilustração, mas ela não perdeu o seu lugar, se ampliando para outras narrativas, como citamos. Podemos dizer que ela passou por vários caminhos e processos, formando um entendimento de espaço e de tempo, transmitindo uma narrativa própria e, no livro ilustrado, se inter-relacionando e se potencializando com o texto.

Atualmente, a ilustração nos livros continua a ser uma forma poderosa de contar histórias e transmitir ideias. Com o avanço da tecnologia, novas formas de ilustrar foram desenvolvidas, como as ilustrações digitais, que permitem uma maior flexibilidade e possibilidade de criação. Apesar disso, muitos ilustradores ainda utilizam técnicas tradicionais, como a aquarela, o guache e o lápis de cor, demonstrando que a ilustração nos livros pode se expressar por várias técnicas.

Em suma, percebemos não haver como dissociar a história da ilustração da história do livro e da leitura. As imagens sempre mantiveram seu potencial narrativo. Dessa forma, considerando essa conexão, é necessário nos aprofundarmos sobre o chamado livro ilustrado, a fim de compreendermos melhor a inter-relação entre o discurso verbal e visual.

1.2 O livro ilustrado: breve histórico

A denominação “livro ilustrado” é usada para definir os livros em que a imagem tem um papel fundamental na construção da narrativa e em que texto e ilustrações se inter-relacionam, possibilitando múltiplas leituras. De acordo com Linden (2011), os livros ilustrados são obras nas quais a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto. “A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagens”. (LINDEN, 2011, p. 24).

Assim, iremos considerar o livro ilustrado como uma narrativa híbrida, com a interação de duas linguagens e, assim, dois tipos de texto, verbo-visual, compondo um texto híbrido, como também afirma Salisbury e Styles (2013):

Nos livros ilustrados, as palavras e as imagens se complementam, para dar um significado geral à obra; nem as palavras, nem as imagens, quando utilizadas isoladamente, fazem algum sentido. Elas funcionam em uníssono. (SALISBURY, STYLES, 2013, p. 89).

É fundamental ressaltarmos a distinção entre livro ilustrado e livro com ilustração. Segundo Linden (2011), o livro com ilustração predominou na primeira metade do século XIX, sendo constituído por um texto principal e poucas ilustrações em páginas isoladas. São “obras que apresentam um texto acompanhado de ilustrações, em que o texto é espacialmente predominante e autônomo do ponto de vista do sentido. O leitor penetra na história por meio do texto, o qual sustenta a narrativa.” (LINDEN, 2011, p. 24).

Atualmente são comuns editoras reeditarem obras clássicas com um projeto gráfico composto de ilustrações. A seguir vemos um exemplo da obra *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, da Editora Antofágica, ilustrada pela artista visual Jess Vieira. No livro com ilustração, as imagens criam um momento de repouso e de respiro da narrativa verbal.

Figura 7: Exemplo de livro com ilustração, obra *Orgulho e Preconceito*



(Fonte: Editora Antofágica, 2023, online⁷)

⁷ Disponível em: www.antofagica.com.br/produto/orgulho-preconceito/. Acesso em 07 jun. 2023.

Cabe ressaltarmos que há outras denominações para livros que contêm ilustrações, como cita Linden em *Para ler o livro ilustrado* (2011): primeiras leituras; histórias em quadrinhos (HQ); livros *pop-up*, livros-brinquedo; livros interativos; livros imaginativos. Apesar de tantas denominações, o mais comum no Brasil é o uso da expressão “livro ilustrado” (RAMOS, 2011, p. 84), mas é importante destacar o que constitui denominar um livro como tal.

Não é o desenho, o estilo do ilustrador, que se modifica em um livro ilustrado, mas o papel que esses desenhos ocuparão na construção e sustentação de uma história. Portanto, o fato de conter ilustrações não torna qualquer livro um livro ilustrado, mas sim a maneira com que o conjunto delas funciona e se articula dentro dele e em relação ao todo. É preciso reconhecer quando as imagens de um livro nascem como possibilidades de interpretação de uma história ou quando tomam parte de uma escrita híbrida, diferente, articulada por imagens e palavras conjuntamente. (MORAES, 2019, p. 34)

Outro ponto que destacamos é que os livros ilustrados são pensados, em sua maioria, para as crianças e jovens, mas não podemos desconsiderar os adultos, que cada dia mais se fascinam diante dos projetos gráficos e com a poesia que as linguagens textual e imagética estabelecem entre si. A inter-relação entre texto e imagem permite que as histórias sejam narradas de maneira rica, atrativa e poética, cativando o interesse de leitoras e leitores de todas as idades. Além disso, a variedade de gêneros e estilos de ilustração permite que haja livros para todos os gostos e preferências.

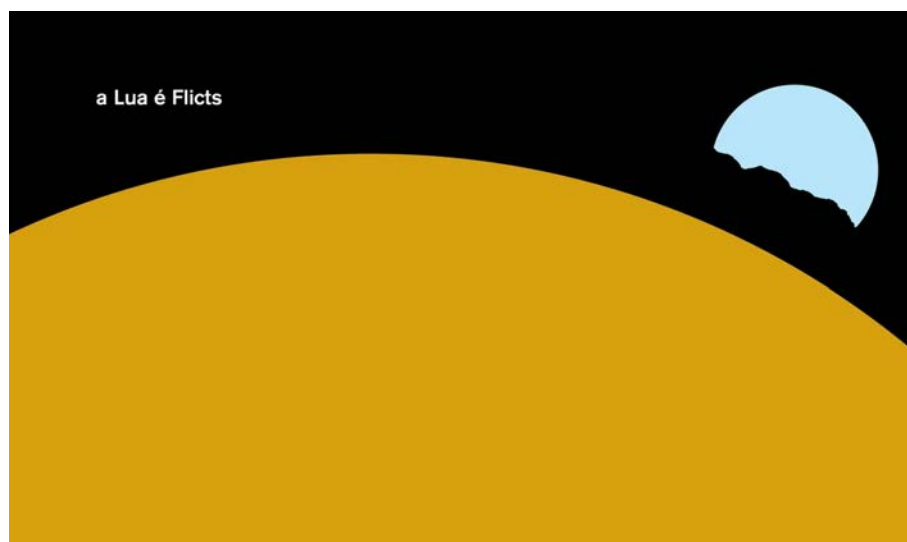
No Brasil, o livro ilustrado tem uma história rica e diversa, que remonta ao período colonial, quando os primeiros livros foram impressos no país. De acordo com Aleixo (2014), “é constatado que o início da história da literatura infantil no Brasil ocorre com as adaptações de obras portuguesas” (ALEIXO, 2014, p. 96). Com a crescente industrialização, houve um aumento na produção dessas obras, principalmente voltadas para o público infantil.

Nos anos de 1920, as obras literárias de Monteiro Lobato (1882-1948) inauguram no país a ficção para crianças, na qual se valorizam o verbal e o visual na literatura. O escritor “tinha sempre presente uma inquietação positiva para valorizar as ilustrações em sua produção literária” (ALEIXO, 2014, p.113).

Nos anos de 1960 e 1970, a ilustração brasileira passa por uma transformação significativa, com a emergência de novos artistas e técnicas. A obra *Flicts*, de 1960, do escritor e ilustrador Ziraldo, é considerada no país um marco pela ousada e moderna concepção gráfica, tornando-se referência em termos de experimentação na interação entre

texto e imagem. A narrativa conta “a história de uma cor ‘diferente’ que busca seu lugar no mundo. Ninguém gosta ou se recorda dela, e sua procura acaba quando sai da Terra e, ao chegar à Lua, percebe que tem a mesma cor que o satélite.” (SILVA, 2018, p. 59).

Figura 8: Obra *Flicts*



(Fonte: Editora Melhoramentos, 2023, online⁸)

Por seu caráter inovador, o livro ilustrado consolidou-se como importante território de experimentação artística e é considerado por muitos teóricos como a principal contribuição estética da literatura infantil ao campo da literatura como um todo. (FARIAS; TOLENTINO, 2021, p. 243)

A partir da década de 1990, a ilustração se tornou mais reconhecida no país, com uma maior valorização dos livros infantis e uma ampliação do mercado editorial. Hoje, o Brasil é reconhecido internacionalmente por sua produção de livros ilustrados de alta qualidade, com uma rica diversidade de estilos e técnicas. A ilustração é vista como uma forma de arte e desempenha um papel importante na cultura brasileira, tanto na literatura infantil e juvenil quanto na literatura para adultos.

⁸ Disponível em: www.facebook.com/editoramelhoramentos/posts/2562099080480535/?locale=sw_KE. Acesso em 07 jun. 2023.

1.3 O mercado editorial contemporâneo

Atualmente, o mercado editorial é amplo e composto por diversas editoras, incluindo grupos editoriais e editoras independentes. Há também a possibilidade de uma autopublicação, em que os criadores são responsáveis pelas etapas da produção do livro, como a edição, a revisão, a produção e até a distribuição. Apesar das diferenças nos meios de publicação, o objetivo geral de ambas é produzir uma obra atrativa e interessante para os leitores.

Em uma editora de grande porte, é provável haver uma equipe diversa de profissionais responsáveis pela contratação e desenvolvimento de novas obras. Em editoras independentes, os responsáveis atuam sem qualquer conexão com grandes empresas editoriais e geralmente se concentram em gêneros e temas específicos, como literatura alternativa, poesia, quadrinhos, ensaios, livros de arte, entre outros. Independentemente do tamanho da equipe presente nessas editoras, é comum encontrarmos uma colaboração de vários profissionais nas mais variadas etapas da produção, como escritores, ilustradores, designers, editores, revisores, livreiros, bibliotecários e professores, que irão interferir, direta ou indiretamente, no processo de publicação de um livro.

Dessa cadeia de profissionais, destacamos a tríade ilustrador-escritor-editor. O ilustrador é responsável pela criação do texto visual. Ele usa da arte de ilustrar para enriquecer, transformar e complementar a narrativa. O escritor é o criador do texto verbal, quando também não é responsável pelo texto visual da obra. Antes de discutirmos sobre a função do editor, cabe ressaltarmos que a questão de dupla autoria entre ilustrador e escritor em um livro ilustrado pode ser complexa, por isso aprofundaremos o assunto posteriormente. Afinal, quem ilustra também pode ser considerado autor da obra?

Por fim, o editor é o responsável por garantir que a obra final seja coesa e atenda aos objetivos propostos. Ele trabalha com o escritor e ilustrador para editar e revisar o texto e as imagens, além de cuidar da publicação e distribuição da obra. A colaboração e parceria entre esses três profissionais é fundamental para o sucesso de um livro.

Em relação ao processo de edição, são várias as etapas até a publicação de uma obra, como: contrato, preparação de texto, revisão, diagramação (realizada segundo o projeto gráfico), capa, prova gráfica e impressão. O projeto gráfico, realizado normalmente pelo designer, é o planejamento das características gráficas e visuais, como a escolha de fontes,

espaçamento, cores, ilustrações, diagramação, bem como as especificações de formato, papel e acabamento. O designer compreende o livro em sua totalidade, abrangendo os suportes, os processos de produção e as diversas potencialidades do objeto. Essa é uma das etapas mais importantes na produção de uma obra, sobretudo o livro ilustrado, pois irá definir sua materialidade e como a história será apresentada aos leitores, influenciando a experiência de leitura e percepção da obra. Como ressaltam Farias e Tolentino (2021):

Além da interdependência entre linguagens, outra característica que fundamenta o gênero é a exploração da materialidade. O formato do livro, a escolha do papel, o tipo de encadernação, a tipografia, a forma como os elementos narrativos são dispostos nas páginas e a presença e a natureza dos elementos paratextuais são alguns dos elementos que, manipulados por escritores, ilustradores, designers e editores, configuram modos de expressão únicos e que exigem do leitor um engajamento especial. (FARIAS; TOLENTINO, 2021, p. 243)

Os livros selecionados nesta pesquisa foram publicados por duas editoras, a Editora Positivo e a Editora Melhoramentos. Destacamos que a Positivo foi vendida para o grupo Arco Educação, em 2019, sendo conhecida atualmente como Maralto Edições. A editora contemplava majoritariamente o segmento educacional, com livros didáticos, paradidáticos e teóricos, e hoje se dedica também a obras literárias, narrativas infantis, artes visuais e dicionários para todos os leitores.

A *Melhoramentos* surgiu no Brasil em 1890, como produtora de papel em larga escala. A empresa cresceu e, além da indústria de papel e celulose, tornou-se um dos maiores nomes do mercado editorial do país, sendo referência na curadoria de obras, líder em livros infanto juvenis, de gastronomia e paradidáticos.

Em suma, podemos compreender que o mercado editorial é composto por editoras grandes, independentes e com a possibilidade de autopublicações. Independentemente do meio utilizado, podemos observar que o objetivo de cada livro publicado reflete os valores do projeto editorial, evidenciados pelas autorias, temas, escolhas estéticas, formatos e materialidade da obra.

2 A ARTE DE ILUSTRAR

A proposta desta segunda parte é apresentarmos o ofício de quem ilustra e as técnicas ilustrativas. Além disso, discorreremos sobre questões relacionadas à autoria e a chamada dupla autoria nos livros ilustrados. Por fim, apresentamos alguns prêmios concedidos aos ilustradores no meio literário.

2.1 Ilustradoras são artistas

*É possível dizer que o ilustrador não ilustra livros.
Ele compõe, com sua arte, textos visuais que,
em diálogo com o texto escrito,
vêm construindo narrativas
e poemas da produção literária
(PINHEIRO, 2019, p. 40)*

Ilustradoras são artistas que dão visualidade à palavra. O desenho é a habilidade fundamental da ilustradora, é por meio dos esboços que a linguagem visual surge e se transforma. Eles são o pensamento visual em movimento (SALLES, 2006). Quem ilustra têm a possibilidade de materializar as imagens originadas por palavras. Seu trabalho é tradicionalmente feito a partir de um texto, seu primeiro momento de inspiração é a palavra.

O papel que a ilustradora realiza em um livro ilustrado é de extrema importância, afinal, é ela que irá interpretar o texto verbal do escritor e transformar as palavras em imagens, ou ir além, deixando traços de sua percepção e estilo. Segundo Quental (2009), “o ilustrador é também um produtor de sentidos, que transfere invariavelmente o seu traço e expressão para as representações que faz.” (QUENTAL, 2009, p. 146).

O espaço de interpretação e de pensamento, potencializado pelas conexões que o sujeito é capaz de estabelecer entre o desenho e a palavra, revela uma imagem mental que corresponde às suas memórias e experiências, seu conhecimento do mundo. A ilustradora, ao ler o texto, cria para ela imagens e se atenta aos sentimentos que nela a leitura produziu.

No lugar da ilustração contraria-se a pressa da vida porque a interpretação exige essa suspensão no tempo, um instante de silêncio e de recolhimento, de pôr em relação; de questionar, de duvidar, de repetir; de ler e de, simplesmente, olhar. (QUENTAL, 2009, p. 142)

Seu papel é crucial na criação da narrativa visual, pois além de possuir habilidades técnicas e criativas, é importante sua conexão e sintonia com o texto. Enquanto quem escreve

descobre em si motivos para a escrita, quem ilustra tem como ponto de partida o texto, um mundo construído, mediado por aquele que o escreveu. Podemos pensar nesse processo como texto-leitor/ilustrador-ilustração. A ilustradora lê e interpreta o texto de outro, transforma-o pelo seu próprio pensamento e, como uma artista, apresenta-o visualmente.

Assim, a hipótese que se levanta é de que ao longo do processo pelo qual é pensada a ilustração, se recuperam traços de individualidade ou de singularidade para-além-do-interpretante. E que no momento em que se desenha, em que o pensamento se faz gesto e torna visível o invisível, é o corpo enquanto matéria (meio de produção) que participa também nesta construção. (QUENTAL, 2009, p. 158)

2.2 Técnicas ilustrativas

*A técnica é muito importante,
porque a técnica é a atitude.
Para cada técnica você vai
ter uma atitude diferente.*

(Marilda Castanha, 2023, Dados da pesquisa)

No decorrer dos anos, houve uma significativa evolução nas técnicas ilustrativas, desde as tradicionais até os *softwares* gráficos. Essas técnicas desempenharam um papel fundamental na comunicação visual e continuam a se desenvolver com o uso de novas tecnologias e a criatividade de quem ilustra.

As técnicas tradicionais têm sido usadas há séculos e são muito valorizadas por sua conexão com a história da arte. As mais difundidas consistem na combinação de lápis, pena ou caneta nanquim, combinadas muitas vezes com pinceladas de cores, por meio de tinta acrílica, óleo, aquarela ou guache. O lápis é uma das técnicas mais simples e versáteis de ilustração, permitindo que o artista crie desde desenhos rápidos e esboços até trabalhos mais detalhados e realistas. O uso de tintas diluídas em água (acrílico, aquarela, guache) são técnicas de pintura que permitem a criação de imagens delicadas e/ou vibrantes, com grande variação de tons e texturas.

Figura 9: Exemplo de pintura em aquarela da artista visual Brunna Mancuso



(Fonte: Brunna Mancuso, 2022, online⁹)

O nanquim é uma técnica que utiliza tinta preta para criar linhas finas ou fortes, permitindo a criação de imagens bastante expressivas. Outra possibilidade é a técnica mista. Combinando pintura, desenho e colagem, esta última feita com uso de papéis rasgados, como recortes de revistas, jornais, fotografias, papéis coloridos, tecidos, entre outros, para desenvolver uma nova composição visual. É uma técnica que tem sido amplamente utilizada na arte contemporânea e na ilustração, sendo uma forma criativa de expressão artística que permite explorar a combinação de diferentes materiais e texturas para criar imagens únicas.

⁹ Disponível em: brunnamancuso.com.br. Acesso em: 07 jun. 2023.

Figura 10: Exemplo de ilustração em nanquim com sobreposição de estêncil da ilustradora Bruna Lubambo



(Fonte: Bruna Lubambo, 2019, online¹⁰)

Figura 11: Exemplo de técnica mista, colagem manual e lápis de cor da ilustradora Bruna Lubambo



(Fonte: Bruna Lubambo, 2019, online¹¹)

¹⁰ Disponível em: <https://brunalubambo.myportfolio.com/contos-canhotos-1>. Acesso em 07 jun. 2023.

¹¹ Disponível em: <https://brunalubambo.myportfolio.com/os-tres-porquinhos-projeto-ciranda>. Acesso em 07 jun. 2023.

Cabe ressaltarmos que a xilogravura, a mais antiga técnica de ilustração e gravura, ainda é muito apreciada e utilizada por sua capacidade de produzir impressões de alta qualidade com uma textura e caráter únicos. No Brasil, a técnica ajudou a formar um estilo de ilustração vernacular, com forte presença na cultura popular do sertão e profunda associação à literatura de cordel.

Figura 12: Exemplo de técnica de xilogravura



(Fonte: FTCMag, 2023, online¹²)

Em geral, todas as técnicas de ilustração requerem habilidade manual e domínio técnico por parte de quem ilustra. As tradicionais demandam mais tempo e paciência do que as digitais, já que não é possível desfazer ou editar facilmente um trabalho em andamento. A técnica digital é um recurso a mais e se soma a outros com a popularização dos computadores e evolução de *softwares* gráficos. Nesses programas de edição de imagem, a ilustradora pode corrigir cores, acrescentar ou retirar elementos. São vários os recursos que simulam digitalmente e com perfeição técnicas como aquarela, pastel, óleo, etc.

No entanto, técnicas tradicionais continuam a atrair muitos ilustradores, como nos conta Marilda Castanha:

¹² Disponível em: followthecolours.com.br/xilogravura-nordestina/. Acesso em: 07 jun. 2023.

É uma extensão da mão, do pensamento da gente, mas que passa pela mão. E eu tenho essa necessidade de me colocar ali dentro. Então não é a mesma coisa pra mim, Marilda, se eu tivesse fazendo tudo no digital. Não é. Porque preciso dessa conexão com a materialidade e, ao mesmo tempo, eu tenho certeza que isso não é nada se não tem um leitor sensível pra isso. Porque só vê quem quer ver. (Marilda Castanha)¹³

2.3 Questão de autoria

A ilustração tem explícita uma autoria, sua representação corresponde a um entendimento contaminado pelas memórias e experiências de quem ilustra. É importante destacar que “as ilustrações não só refletem o estilo individual do artista e sua sensibilidade à história, mas também o estilo geral delas em determinado período, ideologia, intenções pedagógicas, visões de sociedade” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 61).

O processo ilustrativo, partindo da interpretação de um texto ou de um conceito, faz com que a ilustradora se deixe provocar pelas palavras. É por elas que quem ilustra responde com sua maior expressão: o desenho. Desenho que tem um compromisso com o texto que ilustra.

Cabe ressaltarmos que, mesmo que o texto direcione o projeto, ele será realizável pela interpretação/apropriação única dada por quem ilustra. Um mesmo texto dado para dez ilustradoras terá sempre dez soluções visuais distintas. Assim, o processo ilustrativo pode ser associado à ideia de algo singular, em que a ilustradora pensa, imagina, avalia e decide acerca das suas ideias e dos seus desenhos, revelando-se a si mesma.

Com isso, a ilustração resulta da capacidade de transferir para o suporte a experiência de quem ilustra, é uma tradução impregnada de suas vivências, repertório, memórias e sensibilidade. Nela a ilustradora deixa seu traço, sua emoção, seu estilo, sua atitude. Assim, cada desenho sempre será único, processo que revela a riqueza e expressão dessa linguagem.

Em relação a essa ideia de uma tradução impregnada de memórias e sensibilidade, podemos evidenciar que:

A fonte da criatividade artística, assim como de qualquer experiência criativa, é o próprio viver. Todos os conteúdos expressivos na arte, quer sejam de obras figurativas ou abstratas, são conteúdos essencialmente vivenciais e existenciais [...], porquanto a criatividade é estreitamente vinculada à sensibilidade do ser. (OSTROWER, 2014, p. 7)

¹³ Todas as referências às citações de trechos das entrevistas colhidas para esta pesquisa serão feitas utilizando-se somente o nome da ilustradora. As entrevistas foram feitas pela pesquisadora em 2023.

Com tudo isso, as questões que se colocam a quem ilustra são: como experimentar, traduzir, representar e significar esse espaço? O que faz a ilustradora com o texto que lê? Como usa, a ilustradora, o texto a ilustrar? Ela traduz e acrescenta, são as palavras que têm essa capacidade de, pela percepção e sentido, estimular imagens, ideias e soluções visuais. “O fundamental é que a ilustração cause deslocamento, provoque no leitor emoção e o faça imaginar e refletir a partir do que está narrado pelo ilustrador” (RAMOS, 2011, p. 26).

Em alguns livros ilustrados, como os que selecionamos nesta pesquisa, para além de quem ilustra, há a presença daquele que concebe o texto que serve de mote à ilustração. Tem-se por isso a ilustração não como uma narrativa única, mas relacional, construída pelo diálogo entre os discursos verbal e visual. Sobre isso, Pinheiro (2018) afirma: “o uso do termo autor apenas para o escritor não é adequado, uma vez que o ilustrador também faz parte dessa autoria.” (PINHEIRO, 2018, p. 140).

O conceito de autoria refere-se à criação original por uma obra ou produção artística, assim, vamos considerar autoria como a identificação do sujeito que concebeu e desenvolveu uma obra, seja ela um texto, uma ilustração ou qualquer outra forma de expressão criativa.

Assim, temos que considerar o ilustrador também como autor, mesmo sabendo dos discursos que reforçam a disparidade de tratamento no que se refere à autoria do texto e a da imagem. A própria subdivisão dessas nomenclaturas ignora que, além de criar as ilustrações e pensar o projeto gráfico geral do livro, o ilustrador também constrói a narrativa.

Mesmo com essa presença tão importante, vimos que profissionais da área já não tiveram seu mérito reconhecido. Não à toa, muitas vezes em algumas obras, o nome do(a) autor(a) do texto tem maior destaque em relação ao de quem ilustrou e ainda é possível achar livros ilustrados onde o nome da ilustradora nem aparece na capa (PINHEIRO, 2017). Assim, podemos nomear os autores como autores do texto e/ou ilustração e, quando o trabalho é feito em conjunto, conforme afirmam Nikolajeva e Scott (2011, p. 33), de uma dupla autoria “criada por uma estreita colaboração entre escritor e artista.”

Em relação a essa parceria colaborativa discutida por Nikolajeva e Scott em *Livro Ilustrado: Palavras e imagens* (2011), as autoras apresentam alguns autores-ilustradores que ilustraram não seus próprios textos, mas os de outros escritores, destacando e comparando obras de total autoria com aquelas em que houve colaboração.

As autoras discorrem sobre o trabalho de Sven Norqvist, famoso por seus próprios livros ilustrados. Segundo elas, as ilustrações desenvolvidas para a série *Mamma Mu gungar*

pelo ilustrador foram mais contidas e com menos recursos expressivos do que em suas obras de autoria completa. Nessa pesquisa, não centraremos na comparação de total autoria e colaboração, mas até onde vimos, muitos ilustradores conseguem interpretar a história com muitos recursos e as fazem renascer tanto que temos vários exemplos de livros bem sucedidos e premiados na relação de dupla autoria.

No entanto, a questão dessa dupla autoria entre o ilustrador e o escritor pode ser complexa. Em geral, a autoria de um livro é atribuída a quem escreve, considerado o criador da história. Contudo, não podemos negar o quanto o ilustrador desempenha um papel igualmente importante na criação da obra, contribuindo visualmente para a narrativa. A relação entre eles reflete uma grande colaboração, já que o ilustrador é quem irá interpretar o texto e criar as ilustrações que irão complementar e ampliar a narrativa.

Em relação aos *royalties* — quantia paga pelo direito de uso e comercialização — a remuneração entre escritores e ilustradores também pode ser complexa e já passou por algumas mudanças. Em alguns casos, quem ilustra recebe apenas pelo desenvolvimento das ilustrações, enquanto em outros casos, a obra é considerada uma criação conjunta. Os *royalties* são divididos entre o escritor e o ilustrador, mas a divisão normalmente não é igual. No mercado editorial atual, é comum os autores receberem 10% sobre a obra, com 2% para ilustrador e 8% para o escritor.

Em relação a essa diferença, Anna Cunha relata que o trabalho dos ilustradores que a precederam foi fundamental para que ela iniciasse sua carreira em um ambiente mais favorável, em que a ilustração é vista como uma profissão com maior reconhecimento e valorização. De acordo com ela, o legado deixado pelos ilustradores, como a própria Marilda Castanha, ajudaram a construir um cenário mais propício para os profissionais da área, mas ainda há muito o que se conquistar.

Em suma, vemos que a concepção da ilustração revela uma autoria e seu resultado parte da interpretação e tradução dada por quem ilustra. Apesar das disparidades existentes no reconhecimento da autoria entre texto e imagem, é importante considerarmos o ilustrador como autor, uma vez que ele não apenas cria as ilustrações, mas também contribui para a construção da narrativa. Ainda que a autoria de um livro seja geralmente atribuída a quem escreve, é inegável o papel fundamental do ilustrador na criação da obra, proporcionando contribuições visuais que complementam e ampliam a narrativa. Com isso, a chamada dupla

autoria no livro ilustrado deveria ser mais utilizada, contribuindo para o cenário e remuneração entre os autores.

2.4 A valorização de quem ilustra livros e as premiações

De acordo com Oliveira (2013), é a partir dos anos 1970 e 1980 que acontece a profissionalização e o surgimento de ilustradores, dedicados unicamente à ilustração de livros. É por volta desse período também que surgem premiações interessadas em premiar profissionais da área, reforçando uma consolidação profissional dos ilustradores. Atualmente no Brasil, existem alguns prêmios que contemplam esses profissionais. Nesta pesquisa, destacamos os prêmios Jabuti, FNLIJ e AEILIJ.

2.4.1 Prêmio Jabuti

Figura 13: Logotipo do Prêmio Jabuti



(Fonte: Prêmio Jabuti, 2023, online¹⁴)

O Prêmio Jabuti se iniciou por volta de 1958, comandado por intelectuais e estudiosos da literatura brasileira interessados em premiar autores, ilustradores, livreiros, editoras e gráficas que se destacassem a cada ano. A princípio, no regimento interno do prêmio, constavam apenas sete categorias: Literatura; Capa; Ilustração; Editora do Ano; Gráfica do Ano; Livreiro do Ano e Personalidade Literária. Depois, começaram a ser contempladas várias etapas envolvidas na criação e produção de um livro, com a adição de Adaptação, Projeto Gráfico e Tradução, além das categorias tradicionais como Contos, Crônicas, Romance, Poesia, Literatura Infantil e/ou Juvenil, Reportagem e Biografia. A partir de 2017, passou a contemplar duas novas categorias: Histórias em Quadrinhos e Livro Brasileiro Publicado no Exterior.

¹⁴ Disponível em: www.premiojabuti.com.br. Acesso em 10 Jun. 2023.

A 64.^a edição, realizada em 2022, foi composta por quatro eixos e, em cada um, foram distribuídas categorias. O primeiro eixo, *Literatura*, contou com as categorias: Conto; Crônica; Histórias em Quadrinhos; Infantil; Juvenil; Poesia; Romance de Entretenimento e Romance Literário. O segundo, *Não Ficção*, com: Artes; Biografia e Reportagem; Ciências; Ciências Humanas; Ciências Sociais e Economia Criativa. O terceiro eixo, *Produção Editorial*, com: Capa; Ilustração; Projeto Gráfico e Tradução. É nesta categoria — Ilustração — que os(as) ilustradores(as) são contemplados(as). Por último o eixo de *Inovação*, com: Fomento à Leitura e Livro Brasileiro Publicado no Exterior.

2.4.2 FNLIJ

Figura 14: Logotipo da FNLIJ



(Fonte: FNLIJ, 2023, online¹⁵)

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil — FNLIJ — foi criada em 1968 e é a seção brasileira do *Internacional Board on Books for Young People* — IBBY2. A fundação tem como missão promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens, defendendo o direito dessa leitura para todos, por meio de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias. Também busca a valorização da ilustração como expressão artística, igualando-a em importância ao texto literário, promovendo e incentivando a ilustração brasileira de qualidade, divulgando seus artistas no país e no exterior.

O Prêmio FNLIJ — O Melhor para Criança — iniciou-se em 1975, premiando e destacando os melhores livros para crianças. A premiação conta hoje com diversas categorias. Na premiação realizada em 2022, o prêmio contou com dezesseis: Livro para Criança; Livro para Jovem; Livro de Poesia; Reconto; Informativo; Literatura Estrangeira em Língua Portuguesa; Tradução Adaptação Criança; Tradução Adaptação Jovem; Melhor Tradução

¹⁵ Disponível em: <https://fnlij.org.br/>. Acesso em 10 Jun. 2023.

Adaptação Informativo; Tradução Adaptação Reconto; Livro de Imagem; Teórico; Teatro; Revelação Ilustração; Projeto Gráfico e Projeto editorial.

Além do prêmio, anualmente as editoras encaminham à FNLIJ as primeiras edições dos livros publicados para leitura e seleção. Essa atividade culmina com a escolha dos melhores títulos publicados no país a cada ano e fundamenta as ações práticas da fundação, tornando-se referência para pesquisas e trabalhos. Desde 1996, a FNLIJ mantém o Acervo Básico, cujo objetivo é orientar a aquisição por secretarias de educação, escolas e bibliotecas. A Fundação também faz uma seleção de obras, cujos escritores, ilustradores, tradutores e editores recebem o selo “Altamente Recomendável”. Outra importante ação da FNLIJ é a divulgação de ilustradores na Feira do Livro Infantil de Bolonha, para valorizar e divulgar, no cenário mundial, a ilustração como expressão de arte para livros infantis e juvenis.

Desde 1974, a FNLIJ participa da Feira e organiza o catálogo com a seleção dos livros brasileiros. De acordo com Salisbury e Styles (2013, p. 171), “a Feira do Livro Infantil de Bolonha é de especial importância (...). Editoras de livros infantis de diversas partes do mundo se reúnem para fazer negócios, para vender coedições ou para agendar reuniões futuras”.

De acordo com Anna Cunha, a exposição de suas obras ilustradas na feira contribuiu significativamente para a divulgação do seu trabalho no cenário mundial, proporcionando maior visibilidade e ampliando as oportunidades para novos contatos e parcerias com editoras estrangeiras. A ilustradora teve alguns livros publicados no exterior pela editora Lantana: *Maybe You Might*, *Anita and the Dragons* e *A Story about Afiya*. A oportunidade surgiu após duas obras ilustradas por ela receberem o selo de “Altamente Recomendável” pela FNLIJ e serem expostas na Feira de Bolonha.

2.4.3 AEILIJ

Figura 15: Logotipo AEILIJ



(Fonte: AEILIJ, 2023, online¹⁶)

A Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil — AEILIJ, a mais recente, iniciada em 2017, destaca obras de Literatura Infantil e Juvenil brasileiras, sendo uma referência de qualidade para a produção nacional de literatura infantil e juvenil, instrumento de divulgação de autores(as) de texto e imagem. O prêmio tem como objetivos ser referência de qualidade; dar visibilidade à produção intelectual e literária nacional; incentivar a apreciação de livros bem escritos e ilustrados; colaborar para a divulgação das obras brasileiras de literatura infantil e juvenil.

Na premiação de 2022, conforme o regulamento, os concorrentes estavam divididos em quatro categorias, segundo o gênero a que o texto pertence ou ao tipo de autoria correspondente. Para autores de textos, tem-se as categorias Literário Infantil; Literário Juvenil; Adaptação ou Reconto. Para autores de ilustrações, tem-se a premiação para o Conjunto de Ilustrações.

2.4.4 Reconhecimento profissional

Observamos que os ilustradores premiados ganham visibilidade e reconhecimento, uma vez que o prêmio é um importante fator de legitimação da qualidade estética e literária de seu trabalho. Marilda Castanha e Anna Cunha já participaram das premiações, e também de algumas no exterior. Marilda Castanha, com seu livro *Pindorama, Terra das Palmeiras*, em que também é autora do texto, *recebeu* o Jabuti de Ilustração e o Prêmio de Melhor Ilustração pela FNLIJ, e no exterior o *Prix Graphique Octogone* e Prêmio Noma, no Japão.

¹⁶ Disponível em: <https://aeilij.org.br/>. Acesso em 10 Jun. 2023.

Figura 16: Capa da obra *Pindorama* de Marilda Castanha

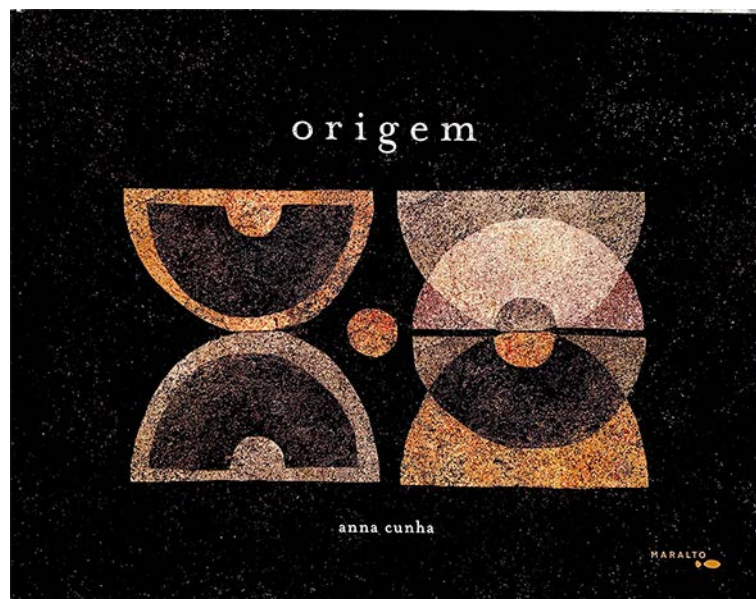


(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Anna Cunha recebeu os prêmios FNLIJ, AEILIJ, Jabuti de Ilustração e *Northern Lights*. Recebeu também menção honrosa no Prêmio João-de-Barro, categoria Livro Ilustrado, e esteve entre os dez ilustradores brasileiros selecionados para a Bienal de Ilustração de Bratislava em 2019 e 2021.

Seu livro *Origem*, publicado em 2022, pela editora Maralto, cuja autoria se dá nas ilustrações e no texto, recebeu pela FNLIJ a premiação de Melhor Livro de Poesia e Melhor Ilustração, e o selo “Altamente Recomendável”. Também recebeu o Selo Seleção — Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio 2021. No Prêmio Jabuti 2022, a obra foi vencedora na categoria Ilustração.

Figura 17: Capa da obra *Origem*, de Anna Cunha

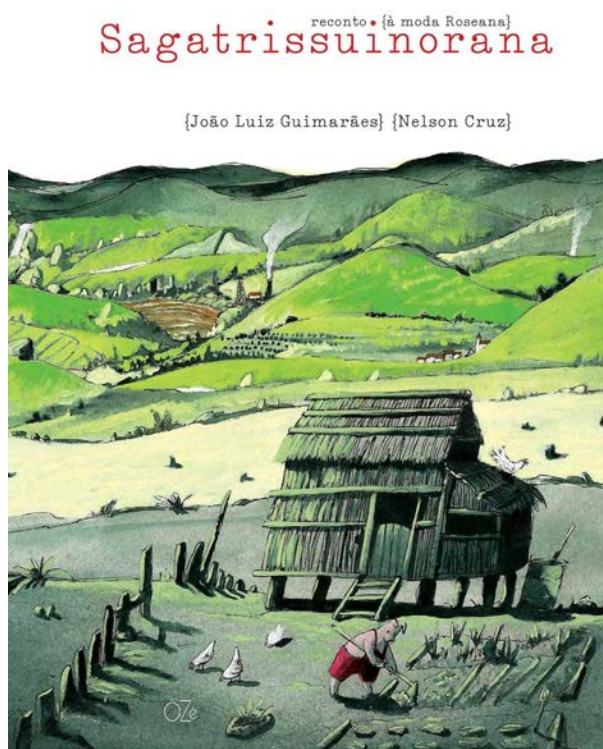


(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Em 2021, ocorreu um fato significativo que aponta para a valorização e reconhecimento da profissão de ilustrador: a premiação da obra *Sagatrissuinorana*, com texto de João Luiz Guimarães e ilustrações de Nelson Cruz, da editora Ôzé. O livro foi escolhido como Livro do Ano e foi vencedor na categoria Infantil. A inscrição dos dois profissionais como autores da obra pela editora é um marco, destacando a importância da narrativa visual com a textual. Na capa, não há distinção de autoria entre o texto e as ilustrações, fortalecendo a ideia de dupla autoria.

A escolha desse livro como o melhor do ano pelo júri do Jabuti evidencia o destaque do livro ilustrado, que tem sido apreciado por diversos leitores. Observamos, com essa premiação, como o ilustrador está consolidado no mercado editorial, contribuindo para que esse profissional seja cada dia mais reconhecido também como autor.

Figura 18: Capa da obra *Sagatrisuinorana*



(Fonte: Ozeeditora, 2023, online¹⁷)

Em suma, vemos que a consolidação profissional dos ilustradores no país tem sido reforçada por essas premiações, que não só destacam as obras vencedoras, mas também a promoção da leitura e divulgação de artistas tanto no país quanto no exterior, como é realizado pela FNLIJ. Através desses prêmios, os ilustradores ganham visibilidade e reconhecimento.

¹⁷ Disponível em: www.ozeeditora.com/sagatrisuinorana. Acesso em: 07 jun. 2023.

3 PROCESSOS CRIATIVOS EM PALAVRA E IMAGEM E PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta terceira parte, damos início à discussão sobre o processo criativo, o processo de interpretação, concepção e criação das ilustrações e a relação entre a palavra e a imagem. Além disso, apresentamos o percurso metodológico, o que inclui a literatura teórica na qual nos baseamos, o critério de seleção das ilustradoras e obras e como foram realizadas as entrevistas.

3.1 Processo criativo

*Palavra e imagem, é como cadeira e mesa,
para estar à mesa necessitamos das duas.*
(GODARD apud JOLY, 2007, p.135)

Acreditamos que o processo de criação e concepção das ilustrações, realizadas pelas ilustradoras, deva trazer curiosidade tanto para leigos como para profissionais da área, já que cada pessoa segue um processo criativo específico ao desenvolver determinado trabalho. Afinal, “cada um de nós individualiza a criatividade e exerce-a em termos individuais”. (OSTROWER, 2014, p. 36).

O trabalho ilustrativo para livros ilustrados requer dois níveis de habilidade. A primeira é a habilidade de interpretar o texto verbal, no qual estão associadas sua compreensão e sensibilidade em relação às palavras. A segunda é a de executar as ilustrações propriamente ditas. Essas habilidades estão interligadas durante todo o processo criativo e a ilustradora precisa de ambas para alcançar o resultado. A solução visual é o resultado da interpretação do texto e a ilustradora a realiza tanto por compreensão quanto pela execução das ilustrações para o livro.

Formar importa em transformar. Todo processo de elaboração e desenvolvimento abrange um processo dinâmico de transformação, em que a matéria, que orienta a ação criativa, é transformada pela mesma ação. (OSTROWER, 2014, p. 51).

Criar passa pela capacidade do sujeito de “selecionar, relacionar e integrar os dados do mundo externo e interno” (OSTROWER, 2014, p. 69), de modo a transformar e ampliar seus sentidos. Isso significa dizer que, à ilustradora cabe analisar os sentidos e potencialidades do texto e, a partir dele, refletir e materializar, através do desenho, o que pode ser narrado para além do texto verbal.

Trata-se, portanto, de um movimento de tradução intersemiótica que, aqui, significa conversões, ocorridas ao longo do percurso criador, de uma linguagem para outra: percepção textual se transforma em imagens (SALLES, 1998).

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem na mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER, 2014, p. 9)

Para desenvolver um raciocínio criativo, é preciso que a ilustradora estimule sua sensibilidade e alimente seu repertório, principalmente o visual, se cercando de todas as referências disponíveis. Sobre isso, destacamos o que Marilda nos conta:

Porque, às vezes, me perguntam: o que é importante para ser um bom ilustrador? Para ilustrar? Eu acho que é ler muito, não é nem desenhar muito, é ler muito, porque quanto mais você lê, mais você vai ter repertório. (Marilda Castanha)

Nossa aproximação com os processos criativos de ilustrações se deu a partir dos dizeres dessas ilustradoras sobre suas práticas. Os dizeres foram gerados por meio de entrevistas semiestruturadas que suscitaram questões acerca dos processos de criação e concepção das ilustrações e os desafios de ilustrar um texto de outro autor.

3.2 O processo de interpretação e criação de ilustrações para um livro ilustrado

*Na sensibilidade variável de cada um,
na estrutura única de uma individualidade,
a imaginação e a linguagem adquirem formas pessoais e subjetivas*
(OSTROWER, 2014, p. 37)

O livro ilustrado, como vimos, é uma narrativa híbrida composta por texto verbal e visual. Nesta pesquisa, temos como foco o livro ilustrado de dupla autoria, em que temos a colaboração entre escritor e ilustradora. Inicialmente, apresentamos, de forma geral, as principais etapas do processo criativo realizadas por Marilda Castanha e Anna Cunha, e posteriormente nos aprofundamos nas obras *Bárbara* e *Agora pode chover*.

A primeira etapa do processo criativo é a leitura e interpretação do texto visual. Essa etapa é fundamental para compreensão da história, personagens e os ambientes em que se passa a narrativa. Além disso, a interpretação do texto permite que as ilustradoras escolham as técnicas, materiais e paletas de cores que serão utilizados na criação das ilustrações. “É um artista exposto a informações, recolhendo e acolhendo tudo o que, de algum modo, lhe atrai.” (SALLES, 1998, p. 122)

Com o texto interpretado, as ilustradoras iniciam uma busca por referências visuais e/ou pesquisa histórica que contribua para o que imaginaram. Em seguida, iniciam o processo de criação das ilustrações, que primeiramente constroem por rascunhos e estudos. Nessa etapa, são utilizados, normalmente, lápis e nanquim. Anna Cunha tem um processo bastante curioso, ela faz os rascunhos em qualquer papel, como um já usado ou até num boleto, como nos conta:

E eu gosto que seja um papel desimportante, porque se não me intimida um pouco, sabe? (Anna Cunha)

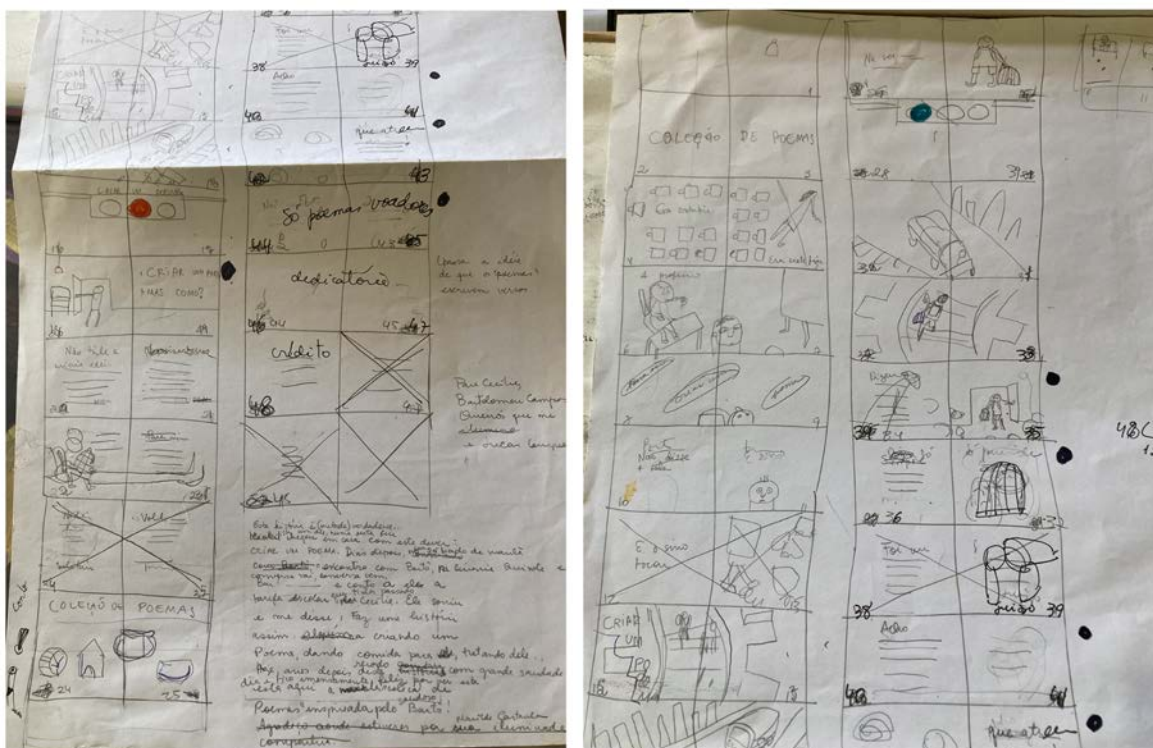
Em geral, ela vai para o computador e começa de novo a ilustração, não fotografa seu rascunho e nem o utiliza como base para a ilustração final. Ocasionalmente até salta o processo de rascunhos e vai direto para o computador, lado positivo de quem utiliza a técnica digital, já que a ferramenta permite alterar ou apagar a arte com facilidade.

Marilda faz bastantes rascunhos e os utiliza como base para a ilustração final, recorrendo à mesa de luz, com uso de ferramentas como lápis, nanquim e aquarela. Guarda e arquiva em seu ateliê todos os seus esboços e originais em envelopes. Sobre esse processo, Salisbury e Styles (2013) complementam:

O caderno de desenho ou esboço tem papel fundamental na educação do ilustrador, proporcionando um mundo particular de exploração de coisas, pessoas, ideias e lugares. O uso do caderno precede todas as outras abordagens mais utilizadas na criação de livros ilustrados, aquelas que podem ser ensinadas de forma mais tangível, como ritmo visual e sequencial, e relações entre palavra e imagem. (SALISBURY; STYLES, 2013, p. 58)

Além desses, Marilda costuma fazer o que ela chama de “mapa do livro”, para visualizar a sequência do texto verbal e visual.

Figura 19: Mapa do livro criado por Marilda Castanha



(Fonte: Fotografia autorizada pela artista, nossa autoria, 2023, Dados da pesquisa)

A forma mais comum de apresentar uma ideia para uma editora é sob a forma de um boneco do livro proposto, um modelo que contém algumas páginas duplas que reproduzem a arte-final, com as imagens restantes na forma de esboços e lápis. (SALISBURY;STYLES, 2013, p. 167)

Cabe ressaltarmos que Marilda difere o processo que utiliza para ilustrar seu próprio livro e de outro escritor. Segundo ela, quando o livro é de sua total autoria, cria listas de palavras e usa bastante o dicionário, que a auxilia na parte da escrita. Quando o texto é de outra pessoa, ao invés de lista de palavras, ela realiza anotações de tudo o que o texto a inspira.

Segundo Salles (2006, posição 1064) “uma das funções das anotações: um modo de fazer durar esse instante e driblar o esquecimento.” Além disso, ela se questiona o tempo todo, fazendo várias perguntas, como exemplifica:

Como desenhar a união e a chave? Como desenhar os mamíferos ou quais mamíferos? Finalizar, o que usar? (Marilda Castanha)

Em relação à execução das ilustrações, ressaltamos, como afirmam as ilustradoras, que com o tempo, prática e trabalho contínuo, naturalmente o traço vai ficando mais fino e mais assertivo. Sobre isso, Anna Cunha nos conta:

Não é que você esteja buscando a perfeição, mas de tanto fazer, ela vem, então se você quer fazer uma coisa reta sempre sai reto, e se eu quero fazer torto eu não consigo mais fazer torto, é uma grande perda que a gente vai tendo na vida, de não conseguir deixar que essas fissuras, esses erros, esse traço mais humano, infantil ou espontâneo, surja. (Anna Cunha)

A ilustradora gosta do erro e diz que é com ele que aprende:

Eu me interesso muito por isso, o que eu mais desfruto no processo de desenhar é o erro, o acidente, é o que mais me diverte no trabalho, inclusive eu me forço um pouco a isso. (Anna Cunha)

Em relação ao erro, Marilda também diz gostar, ela relata que o efeito surpresa, a liberdade das pinceladas, o gesto espontâneo contribuem para seu estilo. Ambas relatam não buscar perfeição em seus traços e estilo.

Em relação à paleta de cores, ambas concordam ser a narrativa que irá direcionar. Se o texto é mais alegre, naturalmente as ilustradoras irão pensar em cores mais quentes e vibrantes, se o texto é mais melancólico, em cores mais escuras. Ademais, as ilustradoras afirmam ser importante ilustrar para além do que o texto narra. Sobre isso, Marilda Castanha diz:

É aquela velha história, se tem uma frase “o rato comeu o queijo” tenta evitar fazer o rato comendo queijo, porque já está no texto. Por isso é importante fazer perguntas. Questiona-se o tempo todo, busque o conceito, por quê, para quê. (Marilda Castanha)

Ela ressalta a relevância de o ilustrador transcender o texto e criar algo adicional que complementa o livro. Para ela, há o texto, sua própria percepção da ilustração e, em seguida, uma terceira criação que surge dali.

Nessa mesma linha, Rui de Oliveira (2008) destaca que a ilustração só desperta interesse quando é capaz de gerar um novo texto visual que não se limite a apresentar o que narra o texto verbal, mas sim que estimule a criação de uma nova forma de literatura, resultando em um livro único com imagens que complementam a leitura. “A imaginação

verbal e a imaginação visual devem ser o equilíbrio e a harmonia na arte de ilustrar”. (OLIVEIRA, 2008, p. 33).

Com as ilustrações finalizadas, ambas encaminham para a editora responsável e aguardam a aprovação. No caso de Marilda, como usa técnicas tradicionais, envia todos os originais para editora, que ficará encarregada de digitalizar e diagramar o livro. Em relação a essa etapa, vemos que as ilustradoras precisam considerar a diagramação do livro, ou seja, como as ilustrações serão dispostas nas páginas e como se relacionaram com o texto.

Essa é uma etapa importante para garantir que o texto visual cumpra sua função de complementar e enriquecer o texto verbal. Marilda tem bastante preocupação com essa parte, fazendo um mapa de cada página e sempre buscando orientar o responsável na diagramação. Em relação a essa “costura”, Pinheiro (2018) afirma:

Essas produções só se realizam, antes mesmo de se tornarem livros, com o trabalho de um profissional que “costura” as duas linguagens, a escrita e a visual, sendo que sua “linha”, seus “pontos”, seu “traçado” também constroem significação para as obras. Esse profissional é o *designer*, que, em muitos livros contemporâneos, é o próprio ilustrador e/ou escritor. (PINHEIRO, 2018, p. 130)

Por fim, percebemos que o processo de interpretação e criação de ilustrações para um livro ilustrado exige habilidades técnicas e criativas das ilustradoras. No caso de Marilda Castanha e Anna Cunha, é possível perceber que cada uma possui um caminho que se cruza em alguns momentos, estilo e técnicas muito particulares, que refletem sua abordagem na interpretação do texto. No entanto, ambas têm em comum a preocupação em criar imagens que sejam harmônicas e complementares com o texto e que proporcionem uma experiência visual única e enriquecedora para a obra ilustrativa e conseqüentemente para o leitor.

Em suma, podemos traçar o percurso criador por elas como: leitura do texto; anotações do que foi percebido e sentido; pesquisa imagética e/ou histórica; rascunhos e ilustração final.

Figura 20: Fluxograma do processo de concepção das ilustrações



(Fonte: Elaborado pela autora.)

3.3 Entre a palavra e a imagem

Nesta pesquisa, não temos como um dos objetivos específicos nos aprofundarmos na relação entre a palavra e a imagem, mas, sim, no processo de concepção e criação das ilustrações para os livros ilustrados. No entanto, percebemos que tal processo criativo perpassa a relação entre palavra-imagem. Por isso, para compreendermos as soluções visuais dadas pelas ilustradoras nas obras selecionadas, nos baseamos nas teorias desenvolvidas por Nicolajeva e Scott (2011), em *Livro Ilustrado: palavras e imagens* e Linden (2011), em *Para ler o livro ilustrado*.

Nicolajeva e Scott (2011) apresentam os dois extremos na dinâmica palavra-imagem, que seriam um texto sem imagem e um livro-imagem. Dentro desse espectro, classificam os livros ilustrados, os quais destacaremos: livro ilustrado simétrico (texto e imagem contam a mesma narrativa, ou seja, são redundantes); livro ilustrado complementar (palavra e imagem preenchem uma lacuna da outra); livro ilustrado “expansivo” ou “reforçador” (a narrativa visual apoia a verbal, a narrativa verbal depende da visual).

As autoras também abordam o conceito de “contraponto”, em que “tão logo palavras e imagens forneçam informações alternativas ou de algum modo se contradigam, temos uma diversidade de leituras e interpretações.” (NICOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 33). Apresentando uma variedade de análises e definições, temos:

Contraponto no endereçamento: quando o autor intencionalmente deixa lacunas no texto e na imagem, com o objetivo de que crianças e adultos os preencham de maneiras distintas;

Contraponto no estilo: quando palavras e imagens apresentam contradições no estilo, ou seja, o texto é irônico e as imagens, não (ou vice-versa), o texto é romântico e as imagens, realistas (ou vice-versa) e assim por diante;

Contraponto no gênero ou modalidade: quando as palavras e as imagens sugerem uma tensão entre objetividade e subjetividade;

Contraponto por justaposição: quando há duas ou mais histórias visuais paralelas — apoiadas ou não por palavras. Chamados de “silépticos”, esses livros estão em um espectro entre as narrativas de imagem e os livros de contraponto;

Contraponto na perspectiva ou ponto de vista: quando há discrepância entre o ponto de vista oferecido pelas palavras e pelas imagens, como, por exemplo, um ponto de vista de uma criança e uma voz narrativa adulta;

Contraponto na caracterização: quando texto e ilustração apresentam personagens de maneiras diferentes e/ou contraditórias, apontando para ironia e/ou ambiguidade. O texto pode mencionar personagens que não aparecem nas imagens ou vice-versa;

Contraponto de natureza metafictícia: quando as palavras expressam noções que não podem ser retratadas nas imagens. As autoras citam como exemplo “quadrados redondos ou ideias verdes sem cor”.

Contraponto no tempo e no espaço: quando, na interação entre palavras e imagens, é possível criar soluções que transmitem causalidade e temporalidade, uma vez que, o texto visual comunica mostrando e o texto verbal comunica contando.

Linden (2011) traz um questionamento: “será que texto e imagem podem fazer mais do que repetir, complementar ou contradizer um ao outro?” (LINDEN, 2011, p. 120). A autora discorre sobre a relação entre a palavra e imagem, classificando-as em redundância, colaboração ou complementaridade e disjunção ou contradição.

Redundância: nada no texto ou na imagem vai além um do outro, não há nenhum sentido suplementar.

Colaboração ou complementaridade: aqui a autora prefere o uso do primeiro termo. De acordo com ela, palavra e imagem, alternadamente, conduzem a narrativa, ou preenchem as lacunas uma da outra.

Disjunção ou contradição: na escala do livro ilustrado, seria uma relação rara, mas a ideia é de que texto e imagem sigam vias narrativas paralelas. Texto e imagem não teriam nenhum ponto de convergência.

Essas classificações nos ajudarão na compreensão do processo de concepção e criação das ilustradoras nas obras, que, de forma consciente ou não, se utilizam de algumas dessas estratégias para construir a narrativa visual. Destacamos que os livros não costumam seguir apenas uma relação, ou seja, numa mesma obra é possível encontrar inter-relações variadas entre texto e imagem. Isso significa que um livro pode ser “simétrico”, mas também “complementar”.

Agora iremos apresentar o caminho metodológico percorrido. Apresentamos inicialmente a bibliografia utilizada e em seguida o método para as entrevistas, bem como a seleção das ilustradoras e obras analisadas.

3.4 O caminho metodológico percorrido

“Uma pergunta já sugere caminhos de pesquisa” (HISSA, 2013, p. 125). No caso desta dissertação, são duas perguntas que guiam nosso percurso: “Como se dá o processo de interpretação e criação de ilustrações para um livro ilustrado?” e “Quais são os desafios de ilustrar uma obra que parte do texto de outrem?”. A partir dessas questões, temos em vista encontrar respostas. Iniciamos nosso percurso compreendendo o surgimento da ilustração,

conceituando o livro ilustrado e analisando o papel de quem ilustra, elementos essenciais para percorremos esse caminho. Agora iremos nos aprofundar no processo de concepção e criação das ilustrações, nas ilustradoras e nas obras selecionadas.

Conforme as definições de Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas, em *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico* (2013), esta pesquisa, de natureza básica e abordagem qualitativa, possui caráter exploratório e abarca as duas etapas comumente presentes nesse tipo de método: 1) levantamento bibliográfico; 2) “entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52). Descreveremos, então, os procedimentos adotados em cada uma dessas etapas.

A pesquisa bibliográfica consistiu, primeiramente, em aprofundarmos no entendimento da ilustração, livro ilustrado e o papel de quem ilustra. Para embasarmos a temática desta dissertação, selecionamos pesquisas e obras que se relacionavam à proposta de nosso estudo e que nos oferecessem um panorama do que tem sido abordado a respeito do assunto. Destacamos as produções às quais este trabalho se soma.

A tese de Joana Quental, *A ilustração enquanto processo e pensamento. Autoria e interpretação* (2009), oferece um rico material para o reconhecimento da ilustração como processo e pensamento, além de traçar o contexto histórico em que emergiu. A dissertação de Odilon Moraes, *Quando a Imagem Escreve — Reflexões Sobre o Livro Ilustrado* (2019), contribui sobre a discussão do livro ilustrado, abordando sua linguagem híbrida no campo da literatura.

A obra *Para ler o livro ilustrado* (2011), de Sophie Van der Linden, aparece nesse cenário como importante referência, apresentando a imagem narrativa e sua relação com o texto como uma das mais antigas expressões das artes visuais. Seguindo essa mesma linha de estudos, a obra *Livro ilustrado: palavras e imagens* (2011), das autoras Maria Nikolajeva e Carole Scott, lança uma pergunta importante que intitula um capítulo: “De quem é o livro?” abordando sobre ilustradores de textos de outros escritores, além de categorizar a relação entre a palavra e a imagem. Salisbury e Styles, em *Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual* (2013) colaboram sobre a história e a evolução da criação de livros ilustrados.

Outra importante referência é a obra *A imagem nos livros infantis, caminhos para ler o texto visual* (2011), de Graça Ramos. A autora discute o lugar da ilustração nos livros infantis e as transformações ocorridas ao longo da história que afetaram a ilustração. Também

utilizamos a obra *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador* (2008), organizado por Ieda Oliveira, com artigos de Rui de Oliveira, Odilon Moraes, Renato Alarcão, Cristina Biazetto, Ciça Fittipaldi, Marcelo Ribeiro e Marilda Castanha.

Para compreender sobre criação, criatividade, percepção e sensibilidade, nos baseamos em três obras. *Criatividade e Processos de Criação* (2014), de Fayga Ostrower. A artista aparece como importante referência sobre o processo criativo, ressaltando a sensibilidade e percepção, interligadas na condição de criar. Nas obras *Gesto inacabado, processos de criação artística* (1998) e *Redes da criação: construção da obra de arte* (2006), de Cecília Salles, a autora destaca o processo criativo e a produção artística.

Entre as possibilidades de recorte para definição do escopo da pesquisa, a ideia de pesquisar o processo ilustrativo de mulheres sempre esteve presente, para destacar e prestigiar produções de autoria feminina. Inicialmente, visamos identificar as ilustradoras premiadas na categoria Ilustração do Prêmio Jabuti entre os anos 2010 e 2020. O levantamento foi realizado e chegamos a selecionar cinco ilustradoras. No entanto, durante a qualificação do projeto, houve uma reflexão crítica em relação ao recorte baseado em um único prêmio, às obras que seriam analisadas, além da acessibilidade e disponibilidade das ilustradoras, já que todas moravam em outro estado e já se previa como metodologia realizar entrevistas presenciais.

Foi então que eu, pesquisadora, após qualificação de mestrado, realizei a mudança de recorte. Em vez de entrevistar essas ilustradoras premiadas pelo Prêmio Jabuti, surgiu a ideia de pesquisar o trabalho ilustrativo de duas ilustradoras que residiam em Belo Horizonte, cidade onde também vivo. Essa mudança no recorte ocorreu por dois motivos principais. Primeiramente, para destacar e homenagear o trabalho ilustrativo de conterrâneas. Em segundo lugar, essa alteração permitiria uma maior proximidade com as ilustradoras, o que facilitaria a realização das entrevistas presenciais e a geração de dados.

Apesar dessa mudança no caminho, a pesquisa manteve seu foco em analisar o processo de concepção e criação de ilustrações para livros ilustrados, baseadas em textos de outros autores. As ilustradoras selecionadas são premiadas em diversos concursos, inclusive o Jabuti. Após a seleção, visamos ouvir sobre o processo realizado por elas, por meio de uma entrevista semiestruturada. Dessa forma, elaboramos um roteiro contendo perguntas direcionadas à formação, processo de criação e concepção das ilustrações, bem como aos desafios encontrados no desenvolvimento a partir de um texto escrito por outra pessoa.

Por fim, o terceiro momento da pesquisa constituiu-se da análise do conteúdo das entrevistas. Após seu pareamento com os referenciais teóricos utilizados, avaliamos o processo criativo das ilustradoras nos livros e, a partir do processo, traçamos um possível caminho que pode ser seguido. Não pretendemos, na conclusão, criar alguma metodologia para a criação de ilustrações para livros ilustrados. A análise proposta visa desenvolver discussões sobre o tema em questão, pensar na importância de quem ilustra e do processo criativo, além de suscitar reflexões sobre a arte de ilustrar.

3.5 Das ilustradoras e obras selecionadas

Como já foi dito, as ilustradoras selecionadas foram Marilda Castanha e Anna Cunha, reconhecidas e prestigiadas na área. A escolha dessas ilustradoras se deu mediante fato de terem nascido em Belo Horizonte, sobretudo por serem reconhecidas e premiadas por seu trabalho ilustrativo no meio literário e possuírem uma carreira consolidada na área. Além disso, possuem livros de total autoria publicados.

Marilda Castanha nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. É graduada em Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG. Recebeu prêmios como o Jabuti de Ilustração e o Prêmio de Melhor Ilustração pela FNLIJ, no exterior o *Prix Graphique Octogone*, Prêmio Noma, no Japão, e *Nami Concours*, na Coréia do Sul.

Anna Cunha nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. É graduada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Minas Gerais — UEMG e pós-graduada em Ilustração, pela EINA — Universitat Autònoma de Barcelona. Recebeu os prêmios, Jabuti, FNLIJ, AEILIJ e *Northern Lights* (Estados Unidos). Teve títulos indicados ao *Kate Greenaway Medal* (Reino Unido) e selecionados para o Catálogo *The White Ravens* e para o Catálogo de Bolonha. Esteve entre os ilustradores brasileiros selecionados para a Bienal de Ilustração de Bratislava 2019 e 2021.

Para aprofundarmos no processo criativo de ambas, nos pareceu coerente selecionar uma das tantas obras ilustradas por essas ilustradoras. Por isso escolhemos as obras *Bárbara*, de Marilda Castanha, texto de Murilo Rubião, e *Agora pode chover*, de Anna Cunha, texto de Celso Sisto.

Figura 21: Obras selecionadas



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

A escolha dessas obras é justificada pela riqueza da narrativa, que aborda temas sensíveis como luto e desejos insaciáveis. Outro aspecto é a similaridade entre os livros em termos de materialidade: formato, acabamento e número de páginas. Além disso, as obras são bons exemplos de livros ilustrados, nas quais as ilustrações são especialmente preponderantes em relação ao texto e complementam a narrativa. Além disso, ambas as leituras - verbal e visual - contribuem para a narração da história, cada qual com a sua importância. A imagem não fica sujeita à palavra, da mesma forma que a palavra não está condicionada à imagem, em muitas páginas, elas se complementam. As ilustrações nessas obras não se limitam a representar visualmente o texto verbal. Dessa forma, a escolha nos proporciona uma oportunidade valiosa para a investigação e compreensão do processo de concepção e criação das ilustrações e os possíveis desafios enfrentados ao ilustrar um texto de outro escritor.

3.6 O planejamento das entrevistas

Seguimos uma abordagem qualitativa, usando como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada — conforme a definição de Cervo, Bervian e da Silva (2007) — em que a entrevista é uma conversa orientada que visa recolher informações referentes ao objetivo desejado, visando compreender como ocorre o processo de criação, concepção e criação das ilustrações pelas ilustradoras, para obter conhecimentos sobre seus métodos.

Os autores Fraser e Gondim (2004, p. 8) complementam sobre a premissa deste tipo de pesquisa, afirmando que:

[...] na abordagem qualitativa, o que se pretende, além de conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo. Em outras palavras, é dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala.

Entrei em contato com as convidadas via e-mail após a autorização pelo Comitê de Ética em Pesquisa do CEFET-MG. Foi elaborado o termo de consentimento (TCLE) em linguagem acessível, com detalhamento sobre a natureza da pesquisa, autorizando a participação voluntária e o termo de autorização para gravação de voz. As entrevistas ocorreram presencialmente, na casa/ateliê das convidadas, no horário e dia agendado previamente por e-mail.

As perguntas das entrevistas foram construídas com base nas principais questões levantadas. Os dados foram gerados presencialmente e gravados. Na transcrição de suas respostas, houve um tratamento linguístico em que suprimimos algumas marcas da oralidade, sem, contudo, prejudicar o estilo de fala das ilustradoras e as ideias expressas por elas.

A primeira entrevistada foi a ilustradora Anna Cunha. A entrevista ocorreu no dia 2 de fevereiro de 2023, numa bela e ensolarada quinta-feira à tarde. Tive a oportunidade de conhecer Anna e seu apartamento, localizado na região centro-sul de Belo Horizonte, onde fui recebida com muita hospitalidade.

O espaço onde Anna vive e trabalha é de uma beleza singular, decorado com bom gosto e repleto de peças decorativas que pareciam trazer boas lembranças e contar histórias. Cada detalhe transmitia a sensação de um lar que respira arte. Além disso, o ambiente exalava um aroma agradável, conferindo ainda mais charme e poesia ao espaço.

Sentamo-nos em frente uma à outra, prontas para iniciar nossa conversa. Anna relatou estar enfrentando um momento delicado de dores nas articulações que estavam dificultando seu trabalho ilustrativo, mas ainda assim, compartilhou sua jornada ilustrativa, revelando detalhes sobre sua trajetória profissional e seu processo criativo.

Durante a entrevista, pude conhecer e me aprofundar em sua carreira e perceber como sua criatividade, inteligência, sensibilidade e poesia se refletem em suas obras. A entrevista foi muito enriquecedora, tanto do ponto de vista profissional quanto pessoal.

Dois dias depois, no dia 4 de fevereiro de 2023, visitei a ilustradora Marilda Castanha. A entrevista ocorreu num ensolarado sábado à tarde, em sua casa/ateliê, localizada num condomínio em Santa Luzia, região metropolitana de Belo Horizonte. A casa é cercada de verde, com uma grande diversidade de plantas e árvores, e ao fundo era possível escutar o canto dos passarinhos.

Marilda vive com seu marido Nelson Cruz, também ilustrador, e seus dois filhos, Cecília e Nino, que aspiram arte e já são jovens artistas. No andar superior, encontra-se o espaçoso ateliê, onde ela e seu marido trabalham dando vida às suas criações.

Sentamo-nos de frente uma para a outra, prontas para iniciar a conversa. Marilda compartilhou generosamente sua trajetória na ilustração, revelando os desafios e as alegrias que encontrou ao longo de sua carreira. Ela detalhou seu processo criativo, mostrando várias de suas obras e explicando o significado por trás de cada uma delas.

Além de *Bárbara*, Marilda me contou o processo das obras *A quatro mãos*, feita em homenagem ao seu pai, *Agbalá*, *Pindorama*, *Cambeva*, *Moradas*, *Turma do Ferrinho*, e também apresentou o processo de concepção e criação das ilustrações de seu mais recente trabalho, *Profissões para Mulheres*, texto de Virginia Wolf, que será lançado em breve pela editora Maralto.

A artista utiliza técnicas tradicionais de pintura e ilustração. Além disso, faz questão de arquivar toda a arte que produz, seja seus estudos ou ilustrações originais, o que evidencia a importância que ela dá ao registro de sua produção artística.

A experiência tanto no lar de Anna como no de Marilda foi mais do que uma entrevista. Foi um encontro repleto de troca, aprendizados e inspiração. Me sinto realizada pela oportunidade de conhecer essas duas ilustradoras tão talentosas.

A seguir, entramos na quarta parte dessa dissertação, **Das práticas e das Ilustradoras**, na qual descrevemos a trajetória das ilustradoras; o processo de criação e

concepção das ilustrações para as obras seleccionadas e quais são os desafios no processo de interpretação e tradução do texto. Ressaltamos que a análise, ancorada no depoimento das ilustradoras, dá ênfase nos elementos conceituais, criativos e técnicos.

4 DAS PRÁTICAS E DAS ILUSTRADORAS

*emprestando o seu corpo ao mundo,
o ilustrador transmuta
o mundo do texto em ilustração.*
(QUENTAL, 2009, p. 128)

Nesta quarta parte, abordamos sobre a trajetória profissional das ilustradoras Marilda Castanha e Anna Cunha. Discorremos sobre o processo de concepção e criação das ilustrações das obras, *Bárbara* e *Agora pode chover*. Ao explorá-las, nos aprofundamos em seus processos e em como elas utilizam técnicas e elementos para criar ilustrações que complementam e enriquecem as histórias presentes nesses livros.

4.1 Marilda Castanha

Figura 22: A ilustradora Marilda Castanha



(Fonte: 50emails, 2022, online¹⁸)

¹⁸ Disponível em: <https://50emails.com.br/envelhecer-e-viver-mais-trabalhar-e-nao-se-aposentar-nunca-da-vida/>. Acesso em: 07 jun. 2023.

Marilda Castanha cursou magistério no Instituto de Educação de Belo Horizonte, uma escola pública tradicional que na época preparava jovens para o magistério. Essa formação a levou a se tornar professora de crianças, e foi durante essa experiência que ela teve contato com livros ilustrados e percebeu a importância da ilustração na literatura infantil. Ao prestar vestibular, escolheu o curso de Belas Artes na UFMG, já que desde criança se interessava por arte e se expressava através dos desenhos.

Enquanto professora e estudante de Belas Artes, Marilda frequentava a editora Miguilim e fez um dos cursos oferecidos sobre literatura infantil. Nessa época, a editora perguntou se ela tinha interesse em ilustrar alguns livros e, motivada pela curiosidade, Marilda decidiu desenvolver as ilustrações, o que despertou ainda mais seu interesse e paixão pela área. Segundo Barbosa (2021), a editora foi a primeira livraria em Belo Horizonte voltada exclusivamente para o público infantil:

O nome Miguilim foi escolhido pelas idealizadoras Maria Antonieta Antunes Cunha e Ana Maria Clark Peres porque, além da homenagem a um personagem de Guimarães Rosa, era uma “palavra sonora” (FEDERMAN et. al., 2011). A editora começou publicando escritores e ilustradores desconhecidos e acabou lançando vários nomes que hoje acumulam prêmios como Bartolomeu Campos de Queirós, Elvira Vigna, Mirna Pinsky, Ângela Lago, Ana Raquel e Marilda Castanha. Segundo Carvalho (1993), a editora era conhecida e aclamada em países europeus por suas obras e autores premiados. (BARBOSA, 2021, p. 42)

Em 1985, enquanto atuava como professora, Marilda teve a oportunidade de dar aulas para os filhos dos funcionários de uma mineradora em Carajás, localizada na Floresta Amazônica. Ela permaneceu lá por um ano, mas, com o passar do tempo, percebeu que essa não era a carreira que desejava seguir. Então, decidiu retornar para sua cidade natal, onde finalizou seu curso e se dedicou aos desenhos, visando seguir a carreira artística e ilustrativa.

Durante esse período, Marilda ampliou seu repertório artístico por meio de visitas ao Palácio das Artes, ao cinema e a livrarias. Ela também participou da Bienal de São Paulo, criou um portfólio e começou a enviá-lo para editoras. Entretanto, enquanto cursava Belas Artes, um de seus professores a questionou sobre a escolha entre artes plásticas e ilustração, o que a deixou surpresa, pois ela queria ambos. Para a artista, não havia motivos para separar as duas áreas, pois acreditava que ambas eram importantes e complementares. Tanto que, após sua formação e a participação em um seminário de ilustração em Bratislava, na República Eslovaca, publicou o livro *Pindorama, Terra Das Palmeiras*, em que somos levados a uma jornada ao passado do Brasil antes do “descobrimento”, também conhecido como Pindorama

pelos indígenas. A autora explora como os primeiros habitantes do país se guiavam pelas mudanças naturais, bem como as técnicas de pesca e caça que utilizavam, como se comunicavam com o mundo espiritual, as máscaras e instrumentos musicais usados em rituais e até mesmo como criaram a língua e a identidade indígena.

Além disso, o livro destaca a presença desses elementos culturais na nossa língua e vocabulário atual. As ilustrações coloridas e vivas que compõem o livro foram inspiradas na iconografia e nos registros realizados pelos próprios indígenas, como nas paredes das grutas, nas pinturas corporais e nos adornos. As ilustrações apresentam traços rústicos e pinceladas densas, lembrando obras de artes emolduradas.

Além de sua formação em Belas Artes, Marilda também fez diversos cursos livres no Brasil e no exterior. Ela se considera uma pessoa muito curiosa e, em 1994, teve a oportunidade de viajar para a Feira de Bolonha. Na época, recebeu bastante incentivo de seu marido, Nelson Cruz, também escritor e ilustrador.

Em relação a seu estilo ilustrativo, observamos que as ilustrações de Marilda possuem um caráter marcante, com texturas e elementos ricos em detalhes. Seu estilo é influenciado por sua formação em artes plásticas, com uso de diversas técnicas tradicionais, como tintas, papéis, pincéis, aquarela líquida, colagem, entre outras. O resultado são ilustrações que são verdadeiras obras de arte, que misturam diferentes técnicas para criar uma experiência visual única e memorável. É possível observar a presença da brasilidade em seu trabalho, por meio das cores, traços e diversidade.

Figura 23: Ilustrações de Marilda Castanha



(Fonte: Marilda Castanha, 2023, online¹⁹)

¹⁹ Disponível em: <http://marildacastanhailustradora.blogspot.com/>. Acesso em: 07 jun. 2023.

Em relação à sua técnica, Marilda tem se aprimorado. Após um curso na Itália, ela nos contou ter percebido que a maneira como ilustrava afetava a espontaneidade de seus desenhos. Quando realizava o esboço e depois finalizava sua arte, ela perdia a espontaneidade, tornando os traços muito rígidos. Com isso passou a usar a mesa de luz, instrumento utilizado por ilustradores para aprimorar suas habilidades de desenho e criar ilustrações mais detalhadas e precisas. A técnica consiste em desenhar sobre um papel translúcido, como o papel seda, iluminado por trás, o que permite que a ilustradora observe a imagem de referência e faça ajustes e adições de forma mais prática.

Figura 24: Mesa de Luz



(Fonte: Vcdesenhos, 2020, online²⁰)

Além de explorar técnicas variadas e realizar pesquisas diárias em seu ateliê, onde produz suas pinturas e ilustrações, destacamos que todo o seu trabalho é feito manualmente, revelando uma forte veia artística, como nos conta:

²⁰ Disponível em: <https://www.vcdesenhos.com.br/mesa-de-luz-o-que-e-e-para-que-serve/>. Acesso em: 07 jun. 2023.

O negócio é estar sempre fazendo algo à mão, essa coisa da mão é muito importante pra mim. Costumo dizer que isso tem a ver com a arte, tem muito a ver com artesanaria, não artesanato. Não é um artesanato, mas é uma artesanaria. Por isso que eu não consigo me ver desenhando no computador. Porque eu vou perder o cheiro da tinta, a mão suja, a roupa suja, eu costumo desenhar de avental também, eu gosto dessa coisa da artesanaria. (Marilda Castanha)

A ilustradora é hoje uma grande referência na arte de ilustrar, com trabalhos para diversas editoras e escritores. Suas ilustrações são verdadeiras obras de arte, marcadas por traços expressivos, bastante textura, que atraem a atenção do leitor. Além de ilustradora, Marilda é escritora, tendo publicado diversos livros infantis autorais.

Sua trajetória profissional é um exemplo de como a formação em artes plásticas, curiosidade e grande repertório podem contribuir para o desenvolvimento de uma carreira ilustrativa. A experiência como professora de crianças, aliada à formação em Belas Artes e experimentações, foi fundamental para que Marilda Castanha pudesse desenvolver sua carreira e se consolidar como uma das principais autoras na área da literatura infantil ilustrada no Brasil²¹.

A seguir, apresentamos uma lista completa das publicações ilustradas e escritas por Marilda Castanha, organizadas do mais recente ao mais antigo. Posteriormente, apresentamos os prêmios recebidos.

Quadro 1: Obras publicadas

Obra	Editora	Ano	Autoria do texto
A oficina do Cambeva	Ed. Ôzé	2022	Lido Loschi
A turma do ferrinho	Ed. Globinho	2021	Rogério Andrade Barbosa
Ops	Ed. Jujuba	2021	Marilda Castanha
Mas pode?	Ed. Leiturinha	2020	Marilda Castanha
Pinto Sura	Ed. FTD	2019	Monteiro Lobato
A quatro mãos	Ed. Companhia das Letrinhas	2017	Marilda Castanha
Bárbara	Ed. Positivo	2016	Murilo Rubião
Sem fim	Ed. Positivo	2016	Marilda Castanha

²¹ A técnica ilustrativa de Marilda Castanha pode ser vista, em parte, na internet. Neste [link](#) se encontra um vídeo do seu processo criativo realizado para o desenvolvimento de uma identidade visual para a marca *L'Occitane au Brésil*. O vídeo foi gravado há dez anos, mas é possível conhecer parte do local onde a artista vive e como faz uso das técnicas tradicionais.

Conversê	Ed. Record	2016	Luiz Raul Machado
Em asas de algodão	Ed. SM	2015	Marilda Castanha
Contos ortográficos	Ed. Abacatte	2015	Marilda Castanha
Fases da lua e outros segredos	Ed. Peirópolis	2014	Marilda Castanha
Tutu-moringa	Ed. Companhia das Letrinhas	2013	Elizabeth Rodrigues da Costa e Gabriela Romeu
Cantigamente	Ed. Nova Fronteira	2012	Leo Cunha
Pula, boi!	Scipione	2012	Marilda Castanha
O tempo escapou do Relógio e outros poemas	Ed. Positivo.	2011	Marcos Bagno
Mil e uma estrelas	Ed. SM	2011	Marilda Castanha
A história do Príncipe Sabido e da Princesa Deslumbrante	Luciana Sandron	2010	Ed. Nova Fronteira
O delírio	Ed. Companhia das Letrinhas	2010	Machado de Assis
Karu Taru - O pequeno pajé	Ed. Edelbra	2009	Daniel Munduruku
A ratinha branca de pé-de-vento e a bagagem de Otália	Ed. Companhia das Letrinhas	2009	Jorge Amado
Pula, Preguiça!	Ed. Ática	2009	Marilda Castanha
O gato e o escuro	Ed. Companhia das Letrinhas	2008	Mia Couto
Pula, gato!	Ed. Scipione	2008	Marilda Castanha
Agbalá. Um Lugar-Continente - Coleção Histórias Para Contar História	Ed. Cosac & Naify	2008	Marilda Castanha
Contos de morte morrida	Ed. Companhia das Letrinhas	2007	Ernani Ssó
Nove chapeuzinhos	Ed. Cia das Letrinhas	2007	Flávio de Souza
Pindorama, terra das palmeiras	Ed. Cosac & Naify	2007	Marilda Castanha
Amigos da onça	Ed. Companhia das Letrinhas	2006	Ernani Ssó
Hoje é dia de festa	Ed. Cia das Letrinhas	2006	Vários autores e ilustradores
O diabo na noite de Natal	Ed. Companhia das Letrinhas	2005	Osman Lins
Arco-íris tem mapa?	Ed. Scipione	2005	Vivina de Assis Viana
O rato do campo o rato da cidade	Ed. FTD	2005	Ruth Rocha
Festa no céu	Ed. FTD	2004	Ana Maria Machado

Cada sapo com seu papo, cada princesa com sua sutileza	Ed. DCL	2004	Fátima Miguez
<i>Yo era un dragón</i>	Global Editora	2004	Ana Maria Machado
Almanaque Ruth Rocha	Ed. Ática	2004	Ruth Rocha
O segredo da chuva	Ed. Ática	2003	Daniel Munduruku
Emmanuela	Ed. Saraiva	2003	Ieda de Oliveira
A fada afilhada	Ed. Salamandra	2001	Márcio Vassalo
O menino poeta	Ed. Global	2001	Henriqueta Lisboa
Maré baixa, Maré alta	Ed. Global	2000	Ana Maria Machado
Brincadeira de sombra	Ed. Global	2000	Ana Maria Machado
Eu era um dragão	Ed. Global	2000	Ana Maria Machado
Da cabeça aos pés	Ed. Ediouro	2000	Marilda Castanha
João de Longe	Prefeitura Municipal de BH	2000	Enio Decio Cabral
A cidade que perdeu o seu mar	Ed. Paulus	1999	Elias José
A primavera da lagarta	Ed. Formato	1999	Ruth Rocha
Maria Dengosa	Ed. Formato	1999	Raul Machado
Páginas Amarelas	Ed. FTD	1998	Marilda Castanha
O tico tico da perna quebrada	Ed. Lê	1998	Ronaldo Simões Coelho
Maria Sapeba	Ed. Ática	1997	Ana Maria Machado
O Mapa	Ed. Dimensão	1997	Marilda Castanha
Um N passou por aí?	Ed. Dimensão	1997	Marilda Castanha
Um tanto de tantos	Ed. Dimensão	1997	Marilda Castanha
Joselito e seu esporte favorito	Ed. Nova Fronteira	1996	Leo Cunha
Três gotas de poesia	Ed. Moderna.	1996	Angela Leite de Souza
33 ciberpoemas e uma fábula virtual	Ed. L&PM	1996	Sérgio Caparelli
Rei da Fome	Ed. Ediouro	1995	Marilda Castanha
Para pintar o sete	Ed. Formato	1995	Teresa Noronha
A serpente misteriosa	Ed. Atual	1995	Sonia Junqueira
Ideia Maluca	Ed. Ediouro	1995	Cecília Vasconcellos

Quero perguntar ao mundo	ALMG.	1995	Vivina de Assis Viana
Coração esperto, texto de	Ed. Ediouro.	1995	Angela Leite de Souza
Pé de poesia	Ed. Dimensão.	1995	Wilson Pereira
Felicidade	Ed. FTD	1995	Roseana Murray
A velha misteriosa	Ed. Salamandra	1994	Ana Maria Machado
Que bicho mordeu?	Ed. Agir	1994	Leo Cunha
O caso do Vaso	Ed. Paulinas	1994	Tatiana Belinky
O segredo da Amizade	Ed. Moderna	1994	Wagner Costa
Um beija-flor mora na lua	Ed. Ediouro	1994	Fernando Lobo
Fio	Ed. Vale Livros	1994	Marilda Castanha
O menino que não mascava chiclê	Ed. Paulinas	1994	Leo Cunha
Cabeça-de-Vento, coração atento	Ed. Formato	1992	Santuza Abras
A canção do circo	Ed. Lê	1992	Paulinho Pedra Azul.
A verdadeira história da estátua	Ed. FTD	1992	Cecília Vasconcellos.
De três em três, de reis em reis	Ed. Miguilim	1989	Mônica Versiani Machado

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2: Premiações recebidas

Ano	Prêmio
2017	- Nami Concours - Categoria Purple Island (Obra: <i>Sem fim</i>)
2000	- Prêmio Jabuti - Categoria Ilustração (Obra: <i>Pindorama e Mil e uma estrelas</i>) - Prix Graphique Octogone (França) - Prêmio Runner-up (Noma, Unesco, Japão)
1999	- Prêmio FNLIJ - Categoria Melhor Ilustração

Fonte: Elaborado pela autora.

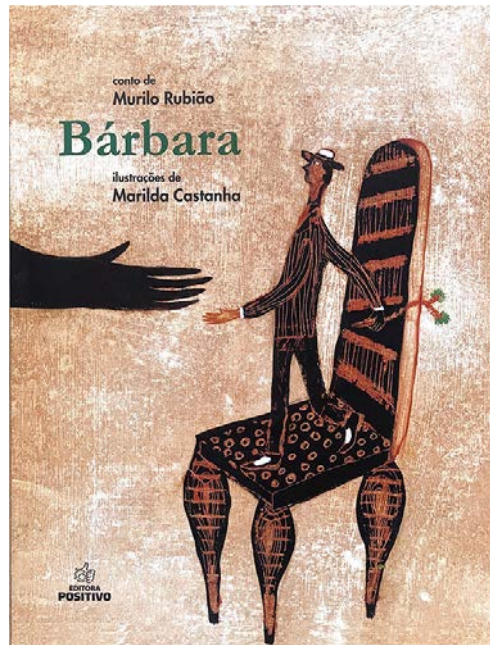
4.1.2 *Bárbara*, de Murilo Rubião e Marilda Castanha

A obra *Bárbara*, dos autores Murilo Rubião e Marilda Castanha, foi lançada em 2016 pela editora Positivo. Publicado originalmente em 1979, o conto narra a história de uma mulher que não se sacia e tem desejos sem fim, e de seu companheiro que, com um amor descomunal, não se limita a satisfazer as vontades da sua esposa. Vemos que o conto foi inicialmente publicado para leitores adultos, mas potencializado e articulado pelo projeto gráfico se caracteriza como uma obra ilustrada e destinada ao público juvenil. “Os temas que à primeira vista podem parecer inadequados ou apenas estranhos para crianças ganham novos contornos com propostas editoriais sustentadas em uma concepção de leitura para a infância.” (FARIAS; BRITTO; SANTOS, 2020, p. 126). Em 2017, o livro recebeu o Selo Altamente Recomendável e Prêmio Especial Coleção pela FNLIJ.

O autor do texto verbal, Murilo Rubião, nasceu em 1916 e faleceu em 1991. Era advogado, funcionário público, jornalista e tornou-se conhecido como contista, sendo considerado pela crítica literária brasileira e internacional como o precursor do realismo fantástico. Ao longo de sua trajetória publicou 33 contos.

A obra possui 48 páginas, no formato brochura, com dimensões de 21 × 27,5 cm, tornando-o fácil de manusear. A capa e contracapa têm uma gramatura maior do que a das páginas internas, o que as torna mais maleáveis, mas também proporciona suporte. Na capa, há indicação do conto ser de autoria de Murilo Rubião e as ilustrações de Marilda Castanha, o que esperávamos devido ao escritor mineiro ser um contista de grande relevância no cenário literário.

Figura 25: Capa da obra *Bárbara*



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Cabe ressaltarmos que essa obra faz parte de uma trilogia composta também por *O Edifício* e *Teleco*, ilustradas, respectivamente, por Nelson Cruz e Odilon Moraes. Os lançamentos aconteceram em 2016, ano do centenário de Murilo Rubião, embora essa não tenha sido a motivação inicial. Como Marilda nos conta:

O projeto foi criado por mim e Nelson e nasceu do sonho antigo que tínhamos de ilustrar contos de Rubião, que é um escritor que admiramos desde nossa adolescência. Eu tive contato com livros dele aos 15 anos e logo me encantei.
(Marilda Castanha)

Figura 26: Trilogia ilustrada



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Em quase sua totalidade, o livro é composto por páginas totalmente ilustradas. Marilda se utiliza de um traço rico em detalhes e texturas, marca de seu trabalho, para construir os personagens e os elementos presentes no conto. As ilustrações pedem por uma leitura atenta. Outro aspecto interessante é que elas são integradas à narrativa, contribuindo para o ritmo e a atmosfera da história. Em algumas páginas, as ilustrações tomam conta de toda área, enquanto em outras elas se combinam com o texto de forma criativa e interativa, mesmo quando a palavra se ausenta.

Agora nos aprofundaremos em como se deu o processo criativo de Marilda Castanha na obra em questão.

4.1.3 Concepções e processos de criação na obra *Bárbara*

Processo criativo é a vida, é a vivência.

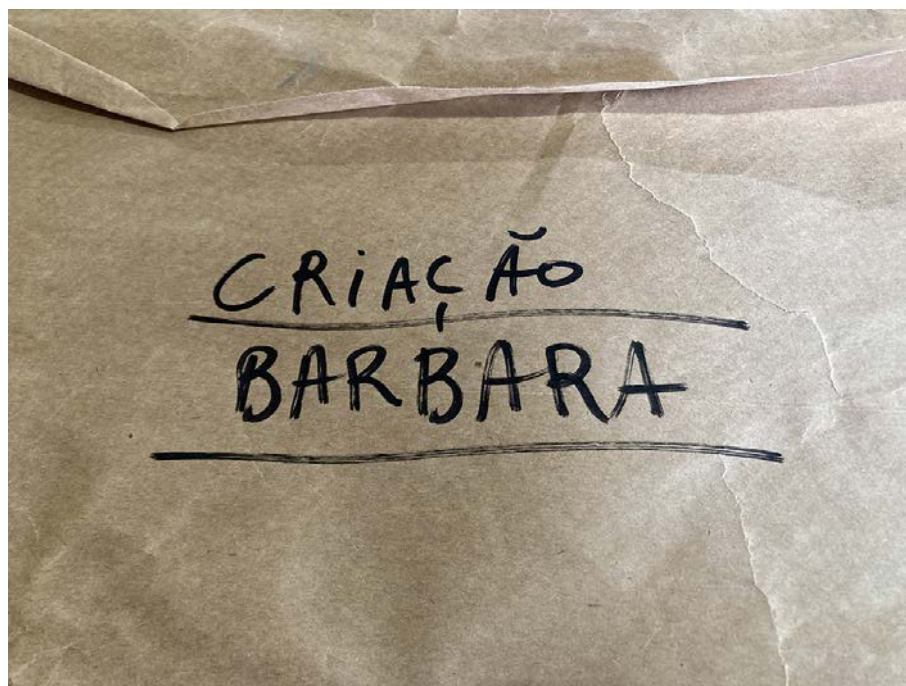
(Marilda Castanha, 2023)

O processo de criação e concepção das ilustrações de Marilda Castanha para a obra *Bárbara* iniciou-se com sua própria iniciativa. Marilda sempre admirou o escritor Murilo Rubião e desejava ilustrar algum de seus contos. Assim, ela e seu marido, Nelson Cruz, entraram em contato com a sobrinha de Murilo, Sílvia Rubião, para obter a autorização e

depois apresentaram a ideia para a editora. Coincidentemente, o ano seguinte marcaria o centenário de nascimento do escritor mineiro.

Esse movimento evidencia uma iniciativa que parte não somente do escritor ou editor, mas também do próprio ilustrador, demonstrando que, no mercado editorial, a dinâmica entre a tríade composta por ilustrador-escritor-editor não segue um caminho linear. A iniciativa ou ideia para um projeto pode originar-se de qualquer um desses profissionais, ressaltando a importância da colaboração e criatividade de todos os envolvidos na produção de uma obra ilustrada.

Figura 27: Envelope com as ilustrações da obra Bárbara



(Fonte: Fotografia autorizada pela artista, nossa autoria, 2023, Dados da pesquisa)

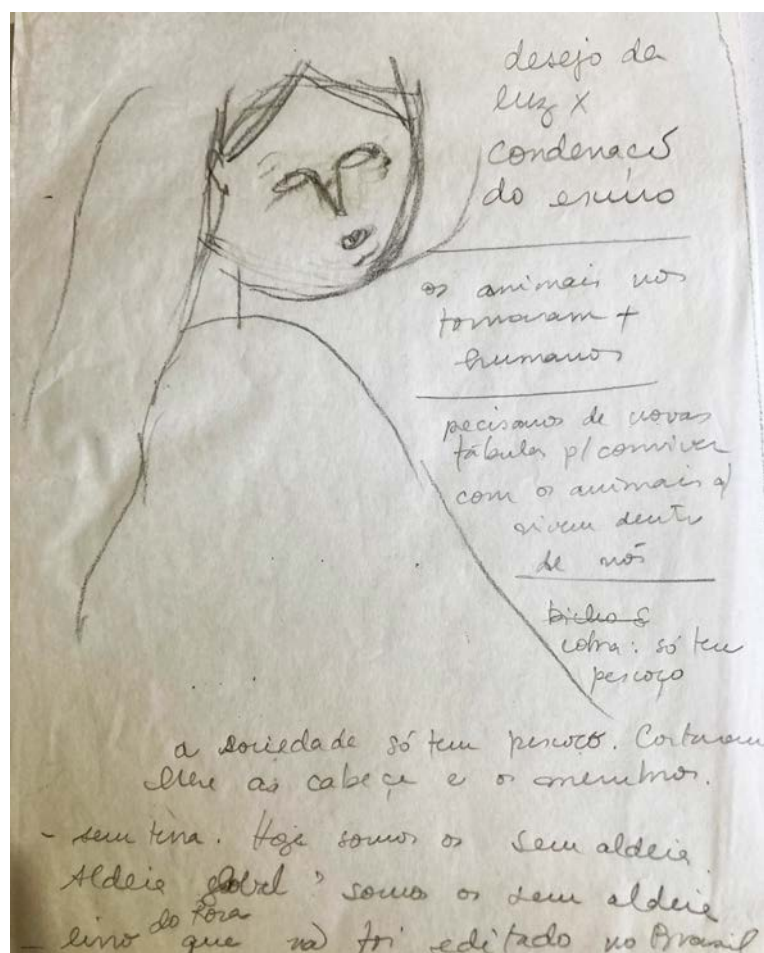
Ela iniciou seu processo com a leitura do conto e foi anotando tudo que a tocou.

Leio o texto e vou anotando, o que me chama atenção, as cores que aquilo me evoca. O clima que aquilo tem. (Marilda Castanha)

Depois realizou uma pesquisa histórica e imagética sobre o assunto do livro, buscando informações e inspiração em diferentes fontes, por exemplo, a época em que se passa a história, a localidade, etc. Como nos conta:

Porque no Bárbara a história passava nos anos 40 mais ou menos, interior, cidade mineira, era o que eu sentia. Ela está longe do mar, perto das montanhas. Então eu comecei a pensar nos tons ocres, marrons e algum amarelo aqui e ali. Tem a noite, então vou pôr os azuis, o delírio, que é o sétimo capítulo de memória de Braz Cubas. Eu fiquei com tons frios, tons azuis, um pouco de ocre. (Marilda Castanha)

Figura 28: Exemplo de Rascunho de Bárbara



(Fonte: Fotografia autorizada pela artista, nossa autoria, 2023, Dados da pesquisa)

As anotações também englobam o que ela chama de “símbolos pertinentes”, como chapéu, sapato da época, mesa, luva branca e cadeiras. Além das anotações, Marilda faz diversas perguntas e questionamentos que a ajudam a pensar nessas imagens, como cita:

Uma mulher que não se sacia? O que ela é? Ai eu mesma dei a resposta: uma rainha diante de um trono vazio. (Marilda Castanha)

Na composição abaixo, vemos a ilustração já finalizada, com os símbolos destacados. A presença de várias cadeiras, que representam a ideia do trono; a luva que traz a ideia de realeza, mas também do desejo que está além de duas mãos.

Figura 29: Páginas 10 e 11 da Obra Bárbara



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Algo que ela também destaca é que o desenho de uma cadeira não precisa ser necessariamente do jeito que uma cadeira é, composta de quatro pernas. Nas ilustrações de Marilda, vemos que algumas são compostas por duas ou três. A ilustradora gosta de pensar para além, de acordo com ela isso é arte, como nos conta:

Isso não é uma cadeira. Isso é um desenho de uma cadeira. Eu posso fazer do meu jeito. (Marilda Castanha)

Em relação à concepção das ilustrações, a artista é um exemplo de como a arte pode ser expressa por meio de múltiplas formas e técnicas. Para criá-las, ela desenvolveu um esboço preliminar, que serviu como um guia para a composição final. Após a criação dos

esboços, Marilda finalizou as ilustrações feitas no papel *duplex* com aplicação de gesso acrílico, lápis, pastel com tinta acrílica e a técnica da raspada.

Como vemos, o processo de concepção e criação das ilustrações envolve várias etapas, desde a concepção até a finalização. O esboço inicial é apenas o ponto de partida e, a partir dele, a ilustradora pode fazer ajustes e modificações até alcançar o que deseja. Durante o processo, é comum que a ilustração sofra mudanças significativas, seja para melhorar a composição, a narrativa visual ou mesmo para atender às expectativas do escritor ou editor.

O resultado é uma ilustração que reflete o processo criativo da ilustradora e a sua habilidade em transformar um rascunho simples em uma imagem potente e expressiva, como podemos observar no exemplo a seguir:

Figura 30: Comparação do rascunho e arte final



(Fonte: Fotografia autorizada pela artista, nossa autoria, 2023, Dados da pesquisa)

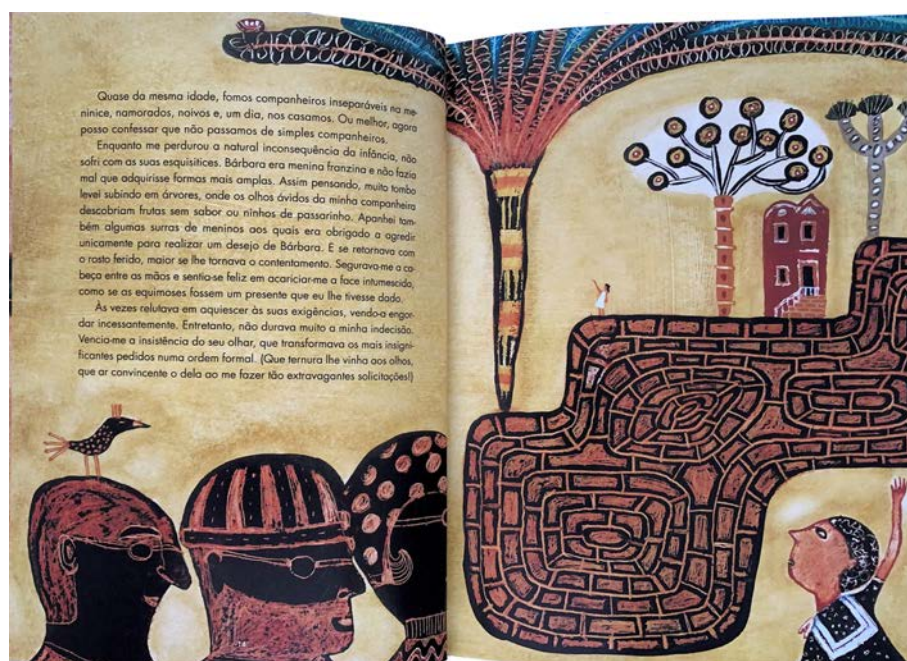
Vemos que as ilustrações de Marilda para a obra *Bárbara* trazem uma nova dimensão ao conto, adicionando elementos visuais que intensificam as emoções e sua atmosfera. Suas ilustrações ampliam a compreensão da história e acentuam a experiência dos leitores. A escolha dos elementos visuais enriquecem a narrativa e a paleta de cores acentua o clima de fantasia e a grandiosidade dos desejos.

Um outro detalhe é como apenas um trecho específico do texto pode chamar atenção para a concepção da ilustração. Vejamos o seguinte trecho da obra *Bárbara* e o que nos conta Marilda sobre ele:

Assim pensando, muito tombo levei subindo em árvores, onde os olhos ávidos da minha companheira descobriam frutas sem sabor ou ninhos de passarinho (RUBIÃO, CASTANHA, 2016, p. 14).

A expressão “ninhos de passarinho” foi o que marcou a ilustradora, e toda a composição da página dupla abaixo foi feita a partir dele, que está localizado na parte superior esquerda.

Figura 31: Composição da ilustração com ninho de pássaro



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Dessa composição, destacamos o que cita Ramos (2011):

Uma imagem, assim como um texto escrito, pode apresentar várias camadas de leituras, o que requer daquele que a examina um olhar atento e calmo, uma atenção que poderíamos chamar de flutuante, apta a captar além daquilo que é visto em um primeiro momento. (RAMOS, 2011, p. 35)

Nas duas composições a seguir, Marilda, ao invés de ilustrar um mar, coloca Bárbara vestida de peixes. Na outra, para representar o desencontro do casal, os faz em direções opostas. Sobre isso, destacamos o que cita Nikolejava e Scott (2011):

O processo de “ler” um livro ilustrado também pode ser representado por um círculo hermenêutico. Começamos pelo signo ou verbal ou visual, um gera expectativas sobre o outro, o que, por sua vez, propicia novas experiências e novas expectativas. O leitor se volta do verbal para o visual e vice-versa, em uma concatenação sempre expansiva do entendimento. (NIKOLAJEVA, SCOTT, 2011, p.14)

Figura 32: Exemplos de composição visual da Obra Bárbara





(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Com isso, vemos que a materialidade do livro ilustrado é de extrema importância para a experiência do leitor e para a compreensão da obra. A virada de página, por exemplo, é um momento crucial, que permite a construção de um diálogo entre a imagem e o texto, a criação de um ritmo próprio da narrativa. A disposição das ilustrações também pode ser um elemento integrado à narrativa, permitindo que uma imagem esteja relacionada com a outra, mesmo em páginas distintas. Ressaltamos que:

Diferentemente de um livro essencialmente textual, em que as palavras fluem de uma página a outra, nos livros ilustrados o passar de páginas implica um corte cuidadosamente pensado pelos seus criadores, de maneira a conferir temporalidade e espacialidade à narrativa, além de ditar um ritmo de leitura. (FARIAS; TOLENTINO, 2021, p. 244)

Dessa forma, a materialidade do livro ilustrado é um aspecto fundamental para a compreensão e fruição da obra, conseguindo potencializar a experiência do leitor e enriquecer a narrativa visual. Como nos conta Marilda:

O ilustrador, o autor de livro ilustrado, tira proveito da apresentação material, das guardas, da virada de página, tudo é um conjunto. É um objeto. Você está fazendo um objeto sequencial. O que vem aqui, o que vem depois. A forma que você apresenta é que vai fazer sentido. (Marilda Castanha)

Figura 33: Exemplo da relação de imagens em páginas distintas



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Para Marilda, *Bárbara* foi um dos textos mais geniais que já ilustrou. Ela cita que uma obra como essa passa pela ideia do pacto. O editor tem que acreditar que a ilustradora oferecerá algo para além do texto, que não será nada literal. A parceria e colaboração entre os profissionais permitiu que esses elementos visuais fossem agregados aos contos, aumentando ainda mais o impacto da obra.

Após finalizar todas as ilustrações e realizar o mapa do livro, Marilda encaminhou os originais para a editora, que ficou responsável pela digitalização e diagramação do material. Os originais foram protegidos com uma camada de papel seda. Por cima do papel, Marilda enumerou em qual página a ilustração deveria estar e sugeriu onde o texto verbal poderia compor o texto visual.

Destacamos que a ilustradora se destaca por suas técnicas manuais e sua habilidade em criar imagens únicas, ricas em detalhes e texturas. Essa escolha revela o valor que ela atribui ao processo de criação manual, à sua formação artística e à singularidade de cada obra.

**Figura 34: Exemplo de uma ilustração original enviada para a Editora,
a ilustração vai protegida por papel de seda**



(Fonte: Fotografia autorizada pela artista, nossa autoria, 2023, Dados da pesquisa)

Outro ponto destacado por Marilda é a última imagem criada para o livro, considerada por ela como um desenlace. O texto narra o seguinte:

Vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Quando descobri que dirigia os olhos para a lua, larguei o garoto no chão e subi depressa até o lugar em que ela se encontrava. Procurei, com os melhores argumentos, desviar-lhe a atenção. Em seguida, percebendo a inutilidade das minhas palavras, tentei puxá-la pelos braços. Também não adiantou. O seu corpo era pesado demais para que eu conseguisse arrastá-lo. Desorientado, sem saber como proceder, encostei-me à murada. Não lhe vira antes tão grave o rosto, tão fixo o olhar. Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse. Ninguém mais a conteria. Mas, ao cabo de alguns minutos, respirei aliviado. Não pediu a lua, porém uma minúscula estrela, quase invisível ao seu lado. Fui buscá-la. (RUBIÃO, CASTANHA, 2016, p. 38)

Ela se questionou:

Que estrela é essa que ele foi buscar? Como ele foi buscar? Porque ele primeiro respira aliviado (...) A lua é imensa, que estrela é essa?” Então ela teve a ideia de não fazer uma estrela, mas uma constelação: “Ele vai buscá-la, mas é uma constelação. Com a mão de Bárbara. Então não adianta ele fugir de Bárbara que onde ele for ele acha Bárbara gigante, né? Então esse é o final que dei para a narrativa do Rubião. (Marilda Castanha)

Figura 35: Desenlace na obra *Bárbara*



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Vemos como as ilustrações podem adicionar camadas de significado à narrativa, transmitir emoções poderosas, criando uma experiência mais enriquecedora para os leitores. *Bárbara* é um exemplo de que livros ilustrados não são exclusivamente direcionados para o público infantil.

Como vemos, as ilustrações podem auxiliar na ambientação de uma narrativa e oferecer informações que não estão presentes no texto escrito. Sobre isso, retomamos a categorização de Nicolajeva e Scott (2011). *Bárbara* pode ser denominada como livro ilustrado complementar (palavra e imagem preenchem uma lacuna da outra) e livro ilustrado “expansivo” ou “reforçador” (a narrativa visual apoia a verbal, a narrativa verbal depende da visual). Segundo Linden (2011) temos a ideia de complementaridade, palavra e imagem alternadamente conduzem a narrativa, as ilustrações complementam e preenchem as lacunas do texto.

As ilustrações de Marilda reforçam o conto de Murilo Rubião e, ao mesmo tempo, expandem a narrativa e fantasia. Em relação ao contraponto, a obra se enquadra na categoria de contraponto no endereçamento, pois lacunas são deixadas propositalmente nas ilustrações para que os leitores as preencham de formas diferentes.

Em suma, o processo criativo realizado por Marilda para a obra *Bárbara* é um exemplo de como a arte de ilustrar é expressa de maneira singular. Ao realizar uma pesquisa minuciosa, fazer anotações, questionar-se, criar esboços e escolher cuidadosamente os materiais e elementos a serem utilizados, a artista demonstrou sua habilidade de transmitir emoções e contar histórias de forma singular e única por meio de suas ilustrações. Como resultado, os leitores têm uma experiência de leitura envolvente e rica em detalhes.

4.2 Anna Cunha

*Desde criança eu já desenhava, já gostava de livros, de ilustração.
Tenho muitos livros em que as ilustrações me marcaram,
estava sempre bem capturada por isso na minha infância.
Gostava de desenhar, de escrever, de ilustrar historinhas que eu mesmo fazia.*
(Anna Cunha, 2023)

Figura 36: A ilustradora Anna Cunha



(Fonte: Otempo, 2022, online²²)

Desde criança, Anna Cunha já se expressava através da arte da ilustração e se interessava por livros ilustrados. Ela adorava produzir desenhos e cartões para presentear sua família. Sendo a caçula de duas irmãs, tinha como inspiração uma delas, que era uma artista desde a infância. Anna tentava reproduzir as coisas que sua irmã realizava, mas de acordo com ela, era apenas uma brincadeira.

Durante sua adolescência, ela continuou se interessando por ilustração, mas não entendia que essa paixão poderia se tornar uma profissão. Por esse motivo, prestou vestibular

²² Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/entretenimento/conheca-o-traco-poetico-e-premiado-da-mineira-anna-cunha-1.2778164>. Acesso em: 07 jun. 2023.

inicialmente para Ciências Biológicas na Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG, devido ao interesse que também tinha pela natureza, pelos animais e pelas plantas. No entanto, logo percebeu que o curso tinha muitas disciplinas voltadas para áreas de exatas, as quais não eram de seu interesse. A única certeza que Anna tinha e que estava presente desde sua infância era o desenho. Sua verdadeira paixão era a arte de ilustrar.

Com isso em mente, prestou vestibular para Artes Plásticas na Universidade do Estado de Minas Gerais — UEMG, conciliando os dois cursos. Durante sua formação em Ciências Biológicas, também fez algumas disciplinas eletivas na Escola de Belas Artes e na Faculdade de Educação, o que foi fundamental para sua formação. Em um projeto de extensão sobre agrotóxicos, Anna teve a oportunidade de escrever e ilustrar uma série de cartilhas distribuídas em todo o Brasil. Essa experiência foi fundamental para abrir caminho para sua carreira como ilustradora, como relata:

As coisas foram acontecendo, muitas atividades paralelas convergindo para esse lugar que, olhando em retrospecto, já estava ali desde minha infância. (Anna Cunha)

Cabe destacarmos que Anna já vendia seus desenhos desde a época do colégio e, durante a faculdade, começou a comercializar suas ilustrações em pequenas livrarias locais. Inicialmente, ela fazia as ilustrações à mão, mas posteriormente começou a imprimi-las. Desejando trabalhar nessa área, iniciou seus estudos em design gráfico por conta própria, pois sabia que era importante para a produção de cartões e ilustrações.

Antes de se formar, conseguiu seu primeiro emprego na Editora Abril, onde ilustrava para a Revista Nova Escola. Após concluir a licenciatura em Ciências Biológicas e o bacharelado em Artes Plásticas, se mudou para a Alemanha. Fez estágio na oficina tipográfica *Gutenberg Museum* e trabalhou como designer na editora *Hermann Schmidt Verlag*, especializada em publicações de design, onde teve a oportunidade de aprender e se desenvolver profissionalmente.

Nessa época, ela relata que já sabia que o seu trabalho teria a ver com o livro e com ilustração. Ao retornar ao Brasil, trabalhou em um escritório de design como ilustradora, onde pôde colocar em prática todo o conhecimento adquirido durante sua permanência na Alemanha:

Esses lugares que transitei contribuíram e foram me levando a uma certa espiral, que eu fui sendo encaminhada, que foram me levando para o caminho da ilustração. (Anna Cunha)

Com o passar do tempo, mesmo trabalhando no escritório, Anna também atuava como *freelancer*, o número de trabalhos aumentou e ela decidiu se tornar autônoma, o que se mantém até hoje. Foi nesse momento que percebeu a importância de se especializar ainda mais na área, tanto em ilustração como no design gráfico, como nos conta:

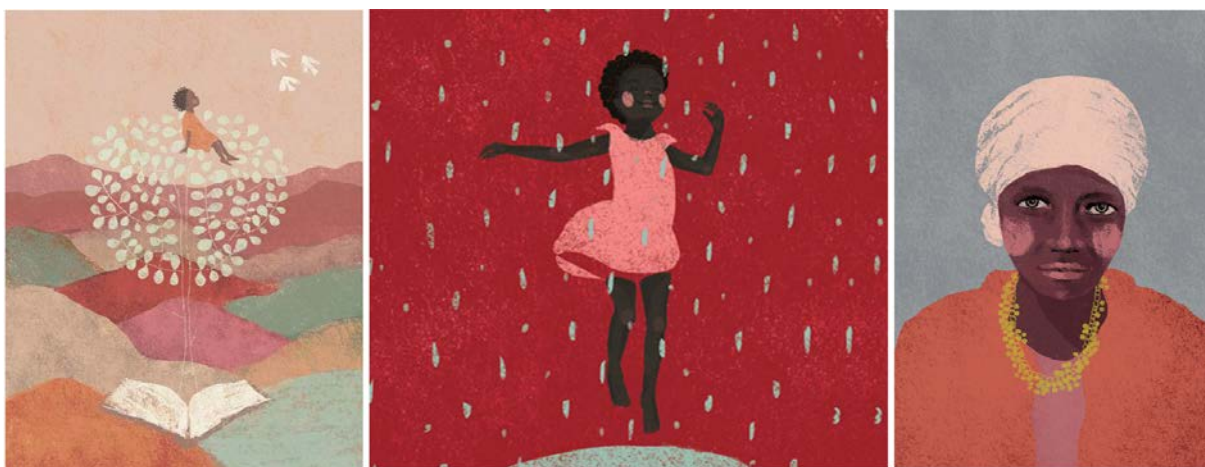
Depois de uns dois anos que eu já estava trabalhando como ilustradora, fui para Espanha, porque eu sentia uma certa angústia, porque eu não tinha nenhuma formação para trabalhar com aquilo que eu estava trabalhando. Vinha da biologia, licenciatura, artes plásticas e eu estava trabalhando com designer gráfico e com ilustração. (Anna Cunha)

Decidiu, então, realizar uma pós-graduação em Ilustração, pela EINA — *Universitat Autònoma* de Barcelona, na Espanha, para se aprimorar e adquirir uma formação na área. Durante o curso na cidade, teve a oportunidade de estudar com profissionais e estudantes do mundo inteiro. Algo que ela considera importante da experiência foi ter frequentado livrarias do país, que têm bastante destaque na ilustração, principalmente, os coletivos de ilustradores.

Em relação a seu estilo ilustrativo, Anna relata não saber o que fica, o que marca o seu trabalho, mas sente que é algo mais da poética do que do traço em si, como nos conta:

Eu acho que tem algo silencioso nas minhas imagens, acho que elas têm algo que é um espaço de silêncio, um espaço de estranheza. Às vezes um espaço de poesia, de enigma, de estranhamento, de algo que escapa, que você tem que interpretar. (Anna Cunha)

Figura 37: Ilustrações de Anna Cunha



(Fonte: Anna Cunha, 2023, online²³)

²³ Disponível em: www.annacunha.com. Acesso em: 07 jun. 2023.

Ao observarmos suas ilustrações, percebemos que elas não trazem uma marca autoral apenas técnica, mas, sobretudo, poética, como ela mesma cita. Sua linguagem visual se traduz por uma expressão singular, fora dos automatismos que se resumem à tradução literal do texto verbal. Em suas ilustrações, é comum encontrarmos uma paleta de cores que combina tons terrosos e pastéis, com toques de rosa e laranja, além de elementos e seres da natureza, como pássaros e flores. É também evidente a forte presença feminina em seus trabalhos, representando a força e delicadeza através dos movimentos e dos vestidos rodados.

Embora domine as técnicas tradicionais de desenho e pintura, seu processo ilustrativo mais utilizado é o digital. Anna usa a mesa digitalizadora, ferramenta bastante útil e versátil para ilustradores que desejam criar trabalhos com um alto grau de precisão e detalhamento. A técnica permite que a artista trabalhe diretamente sobre a superfície digital, usando uma caneta especializada para desenhar e pintar, com a possibilidade de escolher diferentes tipos de pincéis e texturas. Uma das grandes vantagens da mesa digitalizadora é que ela permite que a ilustradora trabalhe com camadas, facilitando a edição e a composição de diversos elementos. Além disso, é possível salvar o trabalho em diferentes formatos, facilitando o compartilhamento e a impressão²⁴.

²⁴ A técnica ilustrativa de Anna Cunha pode ser vista, em parte, na internet. Neste link se encontra o vídeo *Virando a página: livro e leitura tecendo amanhã*, produzido para 4ª edição do FLI BH, 2021.

Figura 38: Mesa digitalizadora



(Fonte: Wacom, 2023, online²⁵)

Ressaltamos que, mesmo com uma carreira consolidada na área ilustrativa e no mercado editorial, Anna também possui duas obras totalmente autorais: *Onde te escondes* (2007) publicada de forma independente, e *Origem* (2021), publicada pela editora Maralto Edições.

A seguir, apresentamos uma lista completa das publicações ilustradas por Anna Cunha, organizadas do mais recente ao mais antigo. Posteriormente, apresentamos os prêmios recebidos.

²⁵ Disponível em: <https://encurtador.com.br/zBR02>. Acesso em: 07 jun. 2023.

Quadro 3: Obras publicadas

Obra	Editora	Ano	Autoria do texto
Sonhambulantes	Ed. Ôzé	2023	Regina Bertola
What Love Looks Like	Harper Collins	2023	Laura Obuobi
Nani and the Lion	Simon & Schuster	2023	Alicia D. William
Dicionário Ilustrado da Solidão	Ed. Maralto	2023	Anna Cunha
Os Príncipes do Destino	Ed. Pallas	2022	Reginaldo Prandi
Maybe you Might	Lantana	2022	Imogen Foxell.
Para ver uma lua cheia	Ed. Aletria	2022	Marismar Borém
Indigo Dreaming	Harper Collins	2022	Dinah Johnson
Doçura	Ed. Tibi	2022	Emília Nuñez
Fly	Simon & Schuster	2022	Brittany J. Thurman
Origem	Ed. Maralto	2021	Anna Cunha
Anita and the Dragons	Lantana	2020	Hanna Carmona
A Story about Afiya	Lantana	2020	James Berry
A Rede Florida	Ed. Positivo	2019	Graziela Hezel
Só de Brincadeira	Ed. Positivo	2018	Leo Cunha
Agora pode chover	Ed. Melhoramentos	2018	Celso Sisto
Brincar de Livro	Ed. Tibi	2018	Emília Nuñez
O que é um Livro?	Ed. UFMG	2018	Ana Elisa Ribeiro
O livro de Lucca	Ed. D'Plácido	2018	Felipe Braga Netto
No tempo da Maria-Fumaça	Ed. Rona	2017	Lízia Porto
Trem Bala	Ed. Voo	2017	Ana Vilela
Mãe	Ed. Miguilim	2016	Cris Guerra
A Instrumentalina	Ed. Peirópolis	2016	Lídia Jorge
Quietinho feito um sapo	Ed. Rocco	2016	Eline Snel
A aventura no nascimento de bebês com Reprodução Assistida	Instituto Langage	2016	Catherine Dolto e Myriam Szejer
Nem tão sozinhos assim	Ed. Lê	2014	Angela Carneiro
El sábio distraído	Ed. Castillo/Macmillan	2013	Ana Maria Machado

O avião de Alexandre	Ed. Peirópolis	2013	Alaíde Lisboa
A história da Passarinha	Ed. Scortecci	2013	Anna Azevedo e Geraldo Azevedo
As aventuras de Pépin	Ed. Lê	2012	Fábio Farah
Vestido de Menina	Ed. Peirópolis	2011	Tatiana Filinto
Onde te escondes	Publicação Independente	2007	Anna Cunha

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 4: Premiações recebidas

Ano	Prêmio
2022	- Prêmio Jabuti - Categoria Ilustração; - Prêmio FNLIJ - Melhor Livro de Poesia; - Prêmio FNLIJ - Melhor Ilustração; - Prêmio Seleção Cátedra Unesco de Leitura – PUC Rio;
2021	- Seleção <i>The White Ravens International Youth Library/München</i> (Alemanha); - <i>Best Books of 2021 - The New York Public Library</i>; - Finalista <i>Kate Greenaway Medal</i> (UK);
2020	- Prêmio FNLIJ - Melhor Ilustração; - Finalista Prêmio Jabuti - Categoria Juvenil; - <i>Northern Lights Book Awards</i> (US) - <i>Picture Book of the Year</i>; - <i>Best Children's Books of 2020 - New York Times</i>;
2019	- Prêmio AEILIJ - Melhor Conjunto de Ilustrações;
2018	- Finalista Prêmio Jabuti - Categoria Ilustração e Categoria Design Gráfico; - Prêmio Seleção Cátedra Unesco de Leitura – PUC Rio;
2017	- Finalista Prêmio Jabuti - Categoria Ilustração;
2013	- Prêmio João-de-Barro - Menção Honrosa Categoria Livro Ilustrado;
2003	- Concurso: <i>Meine zehn Gebote - Gutenberg Museum/Mainz</i> (Alemanha).

Fonte: Elaborado pela autora

4.2.1 *Agora pode chover*, de Celso Sisto e Anna Cunha

Agora pode chover, dos autores Celso Sisto e Anna Cunha, foi lançado em 2018 pela editora Melhoramentos e ganhou o prêmio AEILIJ pelo conjunto de ilustrações. A obra narra a relação afetiva da neta Tatiana com seu avô Orlando e expõe a saudade de quem já foi embora, de uma forma delicada e poética.

O autor do texto verbal, Celso Sisto, também é ilustrador, artista visual, crítico de literatura infantil e juvenil, especialista em literatura infantil e juvenil. Possui mestrado em Literatura Brasileira, Doutorado em Teoria da Literatura e Estágio Pós-doutoral em Educação. É responsável pela formação de inúmeros grupos de contadores de história pelo Brasil. Tem vários livros publicados e já recebeu pela FNLIJ os prêmios de autor e ilustrador revelação. É curioso notarmos que o autor do texto também é ilustrador e artista visual, mas optou por ter sua obra ilustrada por Anna Cunha.

Figura 39: Capa da obra *Agora pode chover*



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

A obra possui 32 páginas, no formato brochura, com dimensões de 21 × 27,5 cm, tornando-o fácil de manusear. A capa e contracapa têm uma gramatura maior do que a das páginas internas, o que as torna mais maleáveis, mas também proporciona suporte. Diferentemente de muitos livros ilustrados, a capa não apresenta a indicação de autoria do texto e da imagem, algo pouco comum em muitos livros, mas que já vem ocorrendo, como vimos na recente obra premiada pelo Prêmio Jabuti, *Sagatrissuinorana*.

Em quase sua totalidade, o livro é composto por páginas ilustradas com bastante textura. As ilustrações foram feitas digitalmente e o texto é formado, em sua maioria, por frases curtas. Em geral, há uma frase por dupla de página. Uma vez aberto o livro e iniciada a leitura, o ritmo criado pela sequência das imagens permanece o mesmo ao longo de toda a narrativa.

Agora aprofundaremos em como se deu o processo criativo de Anna Cunha na obra em questão.

4.2.2 Concepções e processos de criação na obra *Agora pode Chover*

O processo criativo de Anna Cunha para a obra *Agora pode Chover* se iniciou com o contato via e-mail da editora Melhoramentos, convidando-a para ilustrar o livro. Foi seu primeiro trabalho com a editora. Ela iniciou seu processo com a leitura do texto sem se preocupar com as ilustrações, como nos conta:

Eu faço algumas leituras sem pensar em ilustração, sem pensar no personagem e no que eu vou fazer. Eu faço algumas leituras, bem livre, como uma leitura qualquer e depois eu vou vendo o que fica, da primeira, da segunda e da terceira leitura. (Anna Cunha)

Após as leituras, Anna se atentou às emoções e sentimentos que surgiram, decantando as ideias que visualizou.

Segundo ela, não há um processo definido ou uma lista de etapas a seguir, como definir os personagens, suas características e ações. Ela segue um caminho guiado pelo sensível, pelo que lhe toca. Mesmo uma cena simples e comum pode se tornar importante para ela e, a partir disso, as ideias vão se desenvolvendo naturalmente. Ela segue uma abordagem de interpretação bastante livre e direcionada ao que a emociona e cativa. Como cita Ostrower (2014) “todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade”.

Sobre isso, destacamos:

Baseada numa disposição elementar, num permanente estado de excitabilidade sensorial, a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. (OSTROWER, 2014, p. 12)

Segundo a ilustradora, a escolha da paleta de cores depende da emoção que a história lhe transmite, em *Agora pode Chover*, a artista seguiu tons pastéis e imaginou representar um entardecer, algo que não é citado no livro. Além disso, Anna destacou a importância de buscar referências visuais que ressoem com sua imagem mental. A pesquisa é ampla, sendo realizada em pinturas, fotografias e livros, segundo a ilustradora, essas referências são importantes para a construção das ilustrações.

Com base nessas referências, Anna criou os esboços e rascunhos feitos em papéis simples ou até já rasurados. A ilustradora não usa cadernos e também não arquiva seus esboços, ela diz que não se apegue a esses rascunhos e logo depois que expressa suas ideias, joga fora.

As ilustrações do livro são compostas por uma variedade de técnicas, realizadas digitalmente, a ilustradora usou a mesa digitalizadora para criar e finalizar as ilustrações, com auxílio do *software Photoshop*. O uso das cores e texturas nas ilustrações é uma das características mais marcantes do seu trabalho na obra. As cores mais claras contrastam com as escuras, ressaltando a mudança do ambiente à medida que o pôr do sol se aproxima.

Ressaltamos que a ilustração digital não deve ser interpretada como uma ruptura com as técnicas tradicionais. A colocação que se faz também é: a questão não está apenas na linguagem, digital ou tradicional e, sim, no talento, na criatividade, na sensibilidade da ilustradora que se dispõe a ilustrar conforme o que interpreta e sente.

Em relação à aprovação do conjunto de ilustrações pela editora e escritor, Anna relata que não houve dificuldades:

Quando recebi o texto, fiz a minha leitura e fiz tudo do jeito que pensei, que imaginei, eles aprovaram de cara, não teve nenhum pedido para mudar. Foi um livro muito tranquilo de fazer, um processo muito bom, muito fácil. (Anna Cunha)

As autoras Nikolajeva e Scott (2011), em *Livro ilustrado: palavras e imagem*, mencionam a importância da estreita colaboração entre escritor e ilustrador na criação de um

livro ilustrado. No caso desta obra em questão, é interessante observarmos que a ilustradora não conhecia pessoalmente o autor do texto. Mesmo assim, a obra recebeu reconhecimento pela qualidade das ilustrações. Isso nos leva a pensar que essa colaboração pode ocorrer positivamente mesmo a distância.

Para ilustrar e exemplificarmos como a ilustradora enriquece a narrativa por meio da interpretação, mostraremos algumas páginas da obra que nos chamaram a atenção. Na imagem abaixo, o texto menciona “Depois viu uma abelha gorda, de olho no beijinho que ela carregava na mão, e ia comendo aos bocadinhos. Enfiou tudo depressa na boca e correu” (SISTO, CUNHA, 2018, p.10), mas a ilustradora vai além, criando um insetário com uma pequena amostra da diversidade de insetos, complementando a narrativa.

Figura 40: Insetário na obra *Agora pode chover*



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Em nenhum momento, é citado no livro o entardecer, mas foi o que Anna sentiu ao ler o texto, representando-o visualmente:

Figura 41: Entardecer em *Agora pode chover*



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Em outro momento, o texto diz: “E aí, olhou nos olhos da avó e disse: Agora pode chover, vovó” (SISTO, CUNHA, 2018, p. 28). Nas páginas não aparece a personagem olhando nos olhos da avó, e sim para o céu. É interessante observarmos como a ilustração vai para além da situação descrita, fugindo do literal. Com isso, reforçamos que:

A leitura de cada elemento, individualmente, cria possibilidades de interpretação novas para os demais, fazendo com que o resultado seja sempre maior que a soma entre as partes. Assim, a leitura de livros ilustrados requer tanto uma aproximação aos detalhes – a palavra, as linhas, cores e formas, o arranjo das páginas, os espaços em branco – quanto um distanciamento, de maneira que seja possível visualizar e apreender o livro como um todo único e coeso, e não como uma coleção de elementos. (FARIAS; TOLENTINO, 2021, p. 244)

Figura 42: Páginas 28 e 29 de *Agora pode chover*



(Fonte: *Fac-símile* da autora, 2023, Dados da pesquisa)

Baseando-nos em Nicolajeva e Scott (2011), em *Agora pode Chover*, temos a alternância das três estratégias: a de livro ilustrado simétrico, em que texto e imagem são redundantes, e a de complementaridade, palavra e imagem preenchem uma lacuna da outra e a livro ilustrado “expansivo” ou “reforçador”, em que a narrativa visual apoia a verbal.

As ilustrações de Anna reforçam o texto de Celso Sisto e, ao mesmo tempo, expandem sua compreensão ao apresentar, ao longo de toda a obra, elementos visuais que não são citados no texto. Em relação ao contraponto, não identificamos seu uso na obra.

Em suma, o processo criativo realizado por Anna para a obra *Agora pode chover* é um exemplo de como as ilustrações podem complementar e enriquecer perfeitamente a narrativa. Através de suas ilustrações únicas e expressivas, a artista conseguiu criar uma atmosfera que transmite a força do amor avoengo de maneira poética, criando uma experiência de leitura enriquecedora, sensível e emocionante para o leitor.

4.3 Os desafios de ilustrar um texto de outrem

Tudo é visual, a escrita é visual, pensamento é visual.
(Anna Cunha, 2023)

Quais são os desafios de ilustrar uma obra que parte do texto de outrem? Essa é uma das perguntas que guiam esta pesquisa. Como vimos, a ilustração é um potente recurso expressivo e visual e, nesta pesquisa, destacamos sua concepção a partir da interpretação de um texto verbal e nas soluções visuais realizadas a partir disso. Assim, abordaremos sobre o relato das ilustradoras sobre os desafios enfrentados nesse processo.

Marilda Castanha e Anna Cunha relatam ter mais facilidade em ilustrar textos de outros escritores do que seus próprios textos. Embora a criação de ilustrações seja um processo natural para as ilustradoras, por se tratar de uma habilidade à qual estão familiarizadas, a dificuldade está em conciliar as duas linguagens. Elas explicam que ilustrar e escrever uma obra é muito mais trabalhoso e difícil, devido ao processo exigido para a escrita, que não é tão fluido quanto o da ilustração.

Por outro lado, quando o texto já está escrito, a tarefa de ilustração pode ser mais fácil. De acordo com Marilda e Anna, ao receber um texto de outro autor, é mais fácil visualizar as imagens que irão complementar a história, identificando as partes potencialmente ilustradas. Como Anna ressalta:

Eu gosto mais de ilustrar texto de outras pessoas do que o meu, porque eu acho que é mais rico, eu acho que são duas pessoas falando no livro e isso é mais interessante, quando dá certo, né? Quando essas vozes se juntam com afinidade, com sentido. (Anna Cunha)

Ilustrar um texto pronto pode dar mais liberdade criativa e tornar o processo de ilustração mais fluido. Dessa forma, o caminho já está, de certa forma, percorrido. Como, afirma Marilda:

Porque o primeiro pensamento já está pronto. (Marilda Castanha)

Além disso, trabalhar com o texto de outro autor proporciona uma maior troca de repertório, pois a temática pode ser desconhecida para quem ilustra, ampliando assim seu conhecimento de mundo. Como nos conta, Anna:

Eu gosto desse trânsito entre vozes que não são as minhas, gosto de poder fazer essas viagens, esses passeios nas histórias de outras pessoas, de outros lugares, com diferentes sotaques, digamos, diferentes línguas. (Anna Cunha)

No entanto, Anna Cunha destaca que essa dificuldade não significa que a ilustração de uma obra totalmente autoral não seja gratificante, pelo contrário:

Para mim, é feliz e gosto também de poder fazer os meus livros. Não vou, não espero abandonar esse trabalho árduo, não desistir dele, porque sei que também tem alguma importância para mim, como autora das minhas histórias, do que eu quero dizer. Sei que são livros muito diferentes do resto do trabalho que eu faço, então é outro jeito de expressar, que tem o seu lugar. (Anna Cunha)

Em relação aos desafios, ambas concordam ser preciso atender às expectativas do escritor e/ou editor, mesmo sem que ele muitas vezes tenha consciência disso, quem escreve cria uma imagem mental de seu texto, seja por conta de um personagem ou pelo cenário onde a história se passa. Como nos conta Anna:

Eu acho que o maior desafio, que não é sempre, não é toda vez que ocorre esse tipo de dificuldade, mas é quando o editor ou escritor vê as ilustrações. Muitas vezes o escritor tem uma imagem do que ele pensou, afinal ele começou primeiro esse trabalho, né? Tudo é visual, a escrita é visual, pensamento é visual. Então, ele pode não ser um ilustrador, mas ele tem alguma imagem, ainda que ele não saiba disso, ele tem alguma imagem na cabeça dele. O texto toca ele de alguma maneira, ele tem algum caminho que imaginou ainda que ele tenha ficado em silêncio em relação a isso, mas ele tem alguma ideia visual do que ele mesmo escreveu. Então acho que o desafio é mais esse casamento dá certo. (Anna Cunha)

Além disso, existem desafios enfrentados por quem ilustra, como a não identificação com o texto verbal. Como relata Anna Cunha:

Lidar com um texto que não concordo, que não me toca ou que apresenta problemas pessoais muito sérios pode ser difícil. (Anna Cunha)

Com isso, reafirmam a importância da identificação com o texto. De acordo com elas, quando isso não ocorre o desafio pode ainda ser maior. Marilda ressalta que os textos:

Têm que abrir espaço para sua criação, tem que abrir possibilidades. (Marilda Castanha)

Elas também falam da liberdade no processo de interpretação de escolher e definir o que irão destacar e ressaltar no texto visual.

Devido a esses detalhes e às expectativas muitas vezes criadas pelo autor do texto, podem correr pedidos de alteração ou não aprovação das ilustrações. Ambas relatam que já passaram por isso e que fazem parte do processo. Como nos conta Anna:

É um desafio, que é sempre imprevisível, porque pode ser uma surpresa muito feliz para um escritor também ver o trabalho e ver justamente algo que ele não imaginou, porque é sempre algo que ele não imaginou, eu não consigo entrar na cabeça dele. Eu sou outra pessoa lendo o texto dele, não sou ele, eu não tenho a vivência dele, sou uma outra pessoa e vou contar uma outra história, de um outro jeito, então nunca vai ser o que ele imaginou. (Anna Cunha)

Assim, podemos destacar que, além do desafio de atender às expectativas do escritor e/ou editor, existe o desafio na própria interpretação do texto, muitas vezes essa interpretação pode ser entendida de forma equivocada por quem ilustra, como nos conta Marilda:

Já fiz um livro que eu achei que era um adolescente e era uma criança. Eu tive que mudar tudo. Já tive um livro em que o autor não gostou da minha abordagem, eu fiz uma abordagem mais poética e ele queria uma abordagem de quadrinhos, mas eu não sou quadrinista. (Marilda Castanha)

Em relação a isso, Anna também nos diz:

E aí tem uma quebra de expectativa, de repente não era o que a pessoa queria, e isso custa caro para ela, porque a história é dela, é a história de vida dela. (Anna Cunha)

Em vista disso, Marilda complementa não ser um desafio apenas para os autores do texto verbal e visual, e sim para o conjunto, para a tríade ilustrador-escritor-editor. Cabe ressaltarmos, no caso da obra *Bárbara*, que a aprovação envolveu ilustrador-editor, já que o conto foi ilustrado 25 anos depois do falecimento de Murilo Rubião.

Um caminho muito usado por Marilda que ajuda nesses desafios e concepções das ilustrações é as “três pedrinhas”, que aprendeu no curso realizado com o ilustrador mexicano Gabriel Pacheco:

A primeira pedrinha você escreve, por quê? Pega essa pedrinha quando for fazer um livro e se pergunte, por que eu estou desenhando esse personagem assim? Por que eu estou desenhando essa árvore? O fundo dessa cor azul? Por que não vermelho? Por que não roxa? Ai na outra pedrinha você escreve, para quê? Para que eu estou fazendo isso? Para ganhar dinheiro? Para ser comercial? Pela arte? E a terceira pedrinha? A terceira pedra coloca no seu bolso para que ela te incomode ao sentar. Não é genial? Eu me repito isso sempre porque ele está falando que para fazer um livro você tem que fazer perguntas, entender a motivação daquilo, para não se repetir. (Marilda Castanha)

Em suma, vemos que as ilustradoras têm mais facilidade em ilustrar textos de outros escritores do que os seus. Embora criar ilustrações seja um processo natural para as ilustradoras, o desafio é conciliar as duas linguagens. Porém, quando o texto já está escrito, a tarefa de ilustrar pode ser mais fácil. Ambas concordam que o maior desafio está em atender às expectativas do escritor e/ou editor e, também, no próprio processo de interpretação, podendo haver pedidos de alteração ou reprovação das ilustrações. Elas também destacam a importância da identificação com o texto, demonstrando que o processo ilustrativo envolve conexão e liberdade criativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar essa pesquisa, já carregava comigo a ideia de que o termo ilustração devia ser compreendido de forma mais ampla, para além de um mero ornamento. A ilustração é uma linguagem visual, uma forma de expressão e comunicação, possui história e faz parte do vocabulário do campo da edição. A partir dela, “sobressaem valores semânticos e poéticos singulares, e por isso potenciadores de soluções gráficas e narrativas originais.” (QUENTAL, 2009, p. 14).

Com isso, concluo esta pesquisa com o sentimento de que a criação de ilustrações já vem sendo valorizada e ocupa um lugar especial na literatura e, principalmente, nos livros ilustrados. Por entender a arte de ilustrar como uma expressão singular, foi possível demonstrar como ela constitui uma linguagem que permite comunicar emoções e exercitar sensibilidades por parte de quem ilustra.

As ilustrações, que no início acompanhavam o texto, enfeitando ou destacando um trecho essencial da história, deixaram de ser coadjuvantes e passaram a ter um papel fundamental em obras literárias e ocupam papel de igual importância para a produção de sentido da narrativa.

No livro ilustrado, observamos a predominância das ilustrações em relação ao texto, que muitas vezes aparece de forma concisa. Percebemos a construção híbrida de significados por meio da combinação do visual e do verbal. Além disso, a materialidade do livro e o projeto gráfico desempenham papéis de extrema importância nesse tipo de obra.

Iniciamos esta pesquisa com duas questões a serem respondidas “Como se dá o processo de interpretação e criação de ilustrações para um livro ilustrado?” e “Quais são os desafios de ilustrar uma obra que parte do texto de outrem?”. Ao final, a partir dos dizeres das ilustradoras, foi possível compreendermos e respondermos tais questionamentos.

A concepção da ilustração só é realizável pela interpretação/apropriação de quem ilustra. A leitura é, por isso, um comportamento ativo, um processo em que o texto, virtual até que lido e interpretado pela ilustradora, se transforma. Além da transformação, ela acrescenta sua expressão visual indo muito além do texto que a inspira e orienta, revelando marcas de subjetividade daquilo que foi percebido e sentido.

Observamos que as soluções visuais dependem das opções tomadas ao longo do processo pelas ilustradoras: ainda que partilhem o mesmo caminho, a forma de interpretação, a sensibilidade e as técnicas são determinantes na expressão de uma narrativa singular.

Não se trata, portanto, de eleger o melhor recurso; trata-se antes de reconhecer que há especificidades inerentes a cada ilustradora. Com isso, propusemos apresentar o processo e pensamento utilizados para a criação e concepção das ilustrações, percebendo seus caminhos, suas práticas e soluções visuais.

Em relação aos desafios, está em atender às expectativas criadas pelo escritor e/ou editor, pois o processo de interpretação, segundo o relato das ilustradoras, é mais fácil e fluido quando ocorre a colaboração entre os autores, a chamada dupla autoria.

Constatamos que o papel das ilustradoras é de extrema importância numa obra, elas possuem a capacidade de complementar e transformar a narrativa, não sendo apenas intérpretes e tradutoras. Ilustradoras são autoras. Sobre isso podemos reafirmar as palavras de Odilon Moraes: “no livro ilustrado o ilustrador deixa, então, de ser intérprete, tradutor, regente, para ser, à sua maneira, um escritor... de imagens.” (MORAES, 2019, p. 197).

Espero, com esta pesquisa ter contribuído para o entendimento da ilustração, sua importância como linguagem visual no livro e no campo da literatura, bem como ter respondido às perguntas que guiaram nossa trajetória.

A concepção e o processo de criação se dão pela interpretação e transformação poética das palavras, as quais são trazidas à luz através da arte de ilustrar.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Eliette Aparecida. *Palavras e Imagens que Tecem Histórias: Ilustradores/Escritores e a Criação Literária Para a Infância*. Tese. Doutorado em Educação, Conhecimento e Inclusão. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2014 .

BARBOSA, Amanda Ribeiro. *Bússolas e Birutas: um estudo sobre o subcampo independente de livros literários para crianças em Belo Horizonte*. Dissertação. Mestrado em Estudos de Linguagens. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2021.

CAVALCANTE, Nathalia Chehab de Sá. *Ilustração: Uma prática passível de teorização*. Dissertação. Curso de Pós-Graduação em Design. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

CARROLL, Lewis, 1832-1898. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas; & Através do Espelho/ Lewis Carroll, ilustrações originais Jonh Tenniel; introdução e notas Martin Gardner; tradução Maria Luiz X. de A. Borges. — 2ª ed. com. e il. — Rio de Janeiro: Zahar, 2013.*

CERVO; BERVIAN; DA SILVA. *Metodologia científica*. 4ª ed. São Paulo: Makron Books; 1996.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. *Da Fala do Outro ao Texto Negociado: Discussões sobre a Entrevista na Pesquisa Qualitativa*. *Revista Paidéia*, v. 14, n. 28, 2004.

FARIAS, Fabíola Ribeiro; BRITTO, Luiz Percival Leme; SANTOS, Zair Henrique. O que faz de “Minsk” e “Luciana” livros para crianças: concepções de infância e leitura em projetos editoriais. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.38, n.78, p.115-129, 2020.

FARIAS, Fabíola Ribeiro; TOLENTINO, Jéssica Mariana Andrade. Experiências metaliterárias nos livros para crianças: exercícios de criação na leitura e na escrita. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 238-254, set. 2021.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa, Ed. 70, 2007 — Digitalizado por SOUZA, R.

LINDEN, Sophie Van Der. *Para Ler o Livro Ilustrado*. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MORAES, Odilon Alfredo Pires de Almeida. *Quando a Imagem Escreve - Reflexões Sobre o Livro Ilustrado*. Dissertação. Mestrado em Artes Plásticas. Universidade Estadual de Campinas: 2019.

MORAES, Odilon. *O projeto gráfico do livro infantil e juvenil*. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.) *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavra e imagens*. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 30ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Ieda de (Org.) *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.

OLIVEIRA, Rui de. *Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PINHEIRO, Flávio José Vargas. *Muito além do ornamento: um estudo sobre a visualidade nos livros infantis a partir da obra de Roger Mello*. Dissertação. Mestrado em Estudos de Linguagens. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

PINHEIRO, Marta Passos. *O diálogo entre texto escrito, ilustração e projeto gráfico em livros de literatura infantil premiados. Edição & crítica*. Belo Horizonte, 2018.

PINHEIRO, Marta Passos. TOLENTINO, Jéssica Mariana Andrade. O papel do projeto gráfico na construção narrativa de livros de literatura infantil contemporâneos. Artigo. Revista de Crítica Genética. Manuscrita § n. 37, 2019.

QUENTAL, Joana Maria Ferreira Pacheco. *A ilustração enquanto processo e pensamento. Autoria e interpretação*. Tese. Doutorado em Design. Universidade de Aveiro, 2009.

RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 1998.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação: construção da obra de arte*. 2ª ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2006. E-book.

SALISBURY, Martin e STYLES, Morag. *Livro infantil ilustrado – A arte da narrativa visual*. São Paulo: Rosari, 2013.

SILVA, B. R. C. B. *O livro ilustrado na literatura infantil contemporânea: a relação entre o texto e a imagem em obras brasileiras*. 2018. 162 f. Dissertação. Mestrado em Estética e História da Arte. Programa Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018

APÊNDICE

As entrevistas semiestruturadas tiveram como base algumas perguntas. A seguir, listamos aquelas que foram direcionadas às ilustradoras. No final desta página, há um QR *code* que, quando escaneado pela câmera do smartphone, redireciona o(a) leitor(a) a uma pasta no Google Drive que contém, na íntegra, as seguintes transcrições: 1) Entrevista com Anna Cunha; 2) Entrevista com Marilda Castanha.

1. Faça um breve relato da sua formação acadêmica e profissional. Como começou o interesse pelo trabalho ilustrativo? Fale um pouco sobre sua formação como ilustradora.
2. Você poderia descrever o que faz com o texto que recebe/lê antes de iniciar o processo ilustrativo? Como é a sua relação, no processo de criação das ilustrações, com textos de outros(as) autores(as)?
3. Você poderia relatar quais são os desafios de ilustrar uma obra com o texto de outrem?
4. Você poderia caracterizar como se dá o processo de interpretação do texto? Que aspectos do texto são determinantes para você pensar nas imagens?
5. A ilustração do próprio texto e a ilustração do texto de um outro autor(a) são processos muito diferentes? Em que se diferem?
6. Como surgiu a oportunidade de ilustrar esta obra? Como se deu a relação com a editora e o autor do texto?
7. Como você caracterizaria o processo de criação das ilustrações nesta obra? Qual técnica ilustrativa você utilizou? O que determina o material, o estilo, as cores, as texturas, a serem usados em suas ilustrações?
8. O que você pensa sobre a valorização da profissão hoje? O que pensa sobre os Prêmios que premiam ilustradores?
9. O que mudou em sua carreira após ser premiada nesses Prêmios tão renomados?
10. Você gostaria de acrescentar alguma outra informação que julgue pertinente?



Este QR *code*, quando escaneado pela câmera do smartphone, redireciona o(a) leitor(a) a uma pasta no Google Drive que contém, na íntegra, as seguintes transcrições: 1) Entrevista com Anna Cunha; 2) Entrevista com Marilda Castanha.